

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLETA —

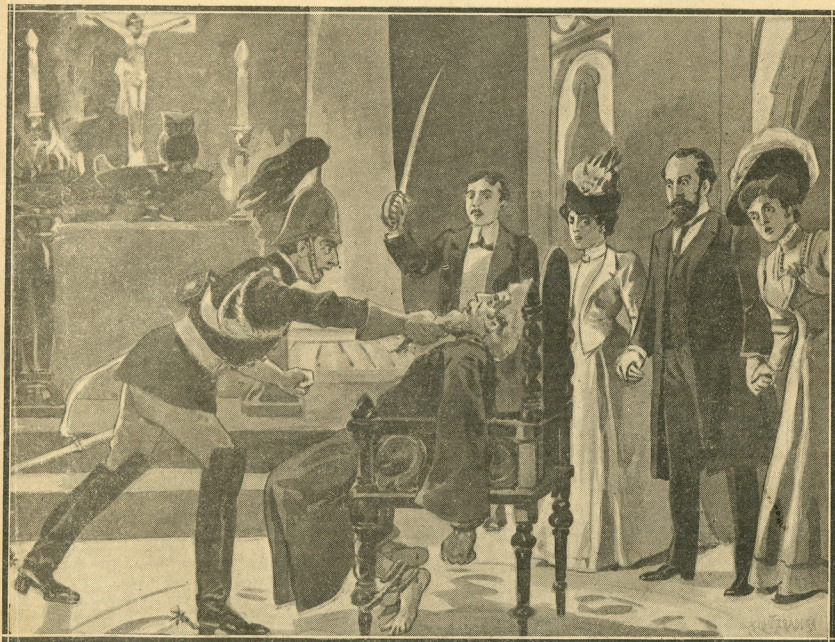
• A NOVELLA POPULAR •

N.º 105/100



# Aventuras extraordinarias dum policia secreta

Uma noite de terror



EDITOR E PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA E SOUSA  
COM REIMP. NA EMP. LUSITANA EDITORA  
C. DO FERREGIAL, 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO  
**60**  
REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
DA NOVELLA POPULAR  
C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA





# Uma noite de terror

por Conan Doyle

## CAPITULO I

### Uma visita esperada

—Mister Holmes, permite-me que corra em procura de um medico?

—Para quê?

—A fim de que lhe cure a sua ferida da fronte...

—Isto nenhuma importancia tem, Harry...

—E' possivel... Mas a verdade é que não posso vê-la sempre aberta... sem cicatrizar por completo... Muitas vezes isto mesmo lhe tenho observado, mister Holmes... O senhor, porém, nenhum caso faz das minhas palavras...

«Por consequencia...»

—O que, Harry?

—Vou chamar o medico...

Assim fallava Harry Taxon, ao vêr que o celebre policia, no seu gabinete, pessoalmente e com o maior socogo envolvia a fronte n'uma ligadura, com a mestria de um consummado cirurgião.

As observações do seu companheiro e auxiliar provocaram-lhe a hilaridade.

Disse tranquillamente:

—Queres que te confesse uma coisa, Taxon? Produzes sobre mim o effeito d'um charlatão de praça...

Quando deixarás de importunár-me? Sei o que faço, e, portanto, deixa-me em paz... Não é a primeira vez que me curo... e creio que um cirurgião não procederia melhor que eu proprio...

Depois d'estas palavras, Sherlock Holmes recostou-se n'uma ampla cadeira, tirou da algibeira o cachimbo, encheu-o de bom tabaco, e acendeu-o.

Durante alguns momentos contemplou as azuladas espiraes do fumo aromatico, ao mesmo tempo que, de vez em quando, olhava para o seu ajudante, que se sentára á secretária depois da ultima observação do seu mestre.

Sobre essa secretária viam-se tesouras, pennas e lapis, que Harry empregava, segundo as circunstancias, depois de passar a vista por um volumoso masso de jornaes; ora cortava um artigo grande, ora outro mais pequeno, ora traçava uma cruz aqui e acolá.

Sherlock olhava-o de momento a momento, e n'esse seu olhar podia notar-se a maior complacencia pelo trabalho do seu discipulo.

Por fim, observou:

—Em que alturas vamos, Harry?

—Preparo os materiaes, mister Holmes... respondeu Taxon. Graças aos dados recolhidos n'estes jornaes, consegui reunir alguns factos que serão um romance interessante calcado em acontecimentos verdadeiramente succedidos... o que nem sempre se póde dizer da maior parte dos romances...

E estendeu alguns apontamentos a Sherlock, que os recebeu, observando:

*Autograph of Sir Arthur Conan Doyle*  
27-VIII-1916

—Não te admires d'isso, meu amigo. A virtude da realidade impressiona mais frequentemente e mais patentemente o publico e o senso commum, que os mais phantasiosos e inventivos romances dos melhores escriptores...

N'este momento ouviu-se na rua o rodar d'uma carruagem, que parou á porta da habitação de Holmes.

Harry observou:

—Espera alguém, mister? Vou vêr quem é...

Sherlock sorriu e observou:

—Que interesse tens em saber quem vem, se desconheces o motivo da sua visita? Além de quê, tens a certeza de que o vehiculo parou á nossa porta, e não em frente de qualquer porta visinha?

—A expliação é facil, mister: em toda esta rua apenas habita uma unica pessoa importante, além do senhor... Além d'isso, a carruagem, pelo ruido que as rodas produziam, deve ser luxuosa... o que prova que o seu proprietario não é nenhum pobre-tão...

—A' fê de quem sou, Harry, creio que és o unico em opiniões aventurezas... Porém...

Sherlock Holmes foi interrompido pela entrada da porteira, que, depois d'um rasgado cumprimento, disse:

—Mister Holmes, uma senhora, ainda nova, vestida de rigoroso luto, acaba de descer do fiacre n.º 4445, puxado por um cavallo branco... Deseja fallar-lhe no mesmo instante...

Sherlock, que, como os leitores sabem já, não deixava de prestar attenção ao mais insignificante pormenor, a principio abriu desmedidamente os olhos, e depois, baixando a cabeça, permaneceu por um momento pensativo.

Nem Harry, nem a porteira se atreveram a interromper-o nos seus pensamentos.

Por fim, Sherlock fez um movimento repentino, ergueu a cabeça, olhou muito naturalmente para a velha porteira, e, como se esta lhe houvesse declarado o nome da visitante, disse:

—Tenha a bondade de acompanhar até aqui mistress Moorindaale...

A porteira, de olhos escaecarados, observou:

—Porém, mister Holmes...

—Porém... o que?

—Se a dama não declinou o seu nome, como é que o senhor sabe que se chama Moorindaale?

—Voltando-se para Harry, Sherlock perguntou:

—Como se chama o caixa a quem roubaram duzentos mil francos?

—Sheffield Morindaale..., respondeu Taxon.

—E sua esposa?

Harry consultou alguns papeis, dos que estavam sobre a mesa.

—Edith Moorindaale..., disse.

Dirigindo-se á porteira, Sherlock continuou:

—Introduza, pois, mistress Moorindaale... Já esperava a sua visita... Felizmente, não se fez esperar muito...

Momentos depois entrava no gabinete uma mulher, cuja idade não podia apreciar-se em consequencia de um espesso véu lhe occultar completamente o rosto.

Trajava de luto rigoroso.

Tirando o cachimbo da bocca, e levantando-se, Sherlock convidou:

—Tenha a bondade de se sentar, mistress, e dizer-me em que posso servir-a...

E voltando-se para Taxon:

—Deixa-nos a sós por um momento, Harry... E' possivel que não tarde em chamar-te...

Assim que Taxon saiu, a desconhecida ergueu o véu, apresentando d'esta forma um rosto em que se notavam os maiores soffrimentos e dores. Talvez não contasse ainda trinta annos; mas como os pezares a tinham envelhecido prematuramente! E esses pezares retratavam-se-lhe na phisionomia, como as nuvens d'um céu tempestuoso se retratam nas aguas d'um lago.

Facilmente adivinhou Sherlock o motivo que conduzira ali mistress Moorindaale. Portanto, quebrando o silencio que por um momento reinára, após a saida de Taxon; observou:

—Se não me engano, tenho a honra de fallar a mistress Edith Moorindaale, a esposa do caixa do Banco Continental... Sei que seu marido, não podendo receber com paciencia a offensa recebida, resolveu terminar os seus dias, enforcando-se, enquanto a justiça investigava sobre a sua culpabilidade.

—Justamente, mister Holmes. Porém...

—Oh! Não ignoro que a senhora está completamente convencida da innocencia do seu marido, e por isso tenta o possivel para a demonstrar. Com esse sentido, aconselharam-na a que me procurasse. Mas houve tambem quem lhe aconselhasse precisamente o contrario, e eis porque a senhora tanto tempo hesitou em vir aqui... Mas havia tambem mais alguma coisa no meio d'essa hesitação: a senhora receava vir visitar-me porque não tinha os meios sufficientes para recompensar os meus serviços...

—Enquanto Sherlock fallava, augmentava progressivamente a admiração da viuva, que, não podendo por fim conter-se por mais tempo, o interrompeu, exclamando:

—Por Deus! Mas quem é o senhor, na verdade? Como conseguiu saber tudo quanto acaba de dizer? Como chegou a descobrir o que sempre mantive no maior segredo? Quando aqui entrei, não lhe declarei o meu nome. Contudo, conhece a minha angustiosa situação, quando todos os outros me julgam, se não muito rica, pelo menos em circumstancia des-



afogada... não faltando os malevolos, que pensam que nado na abundancia, mercê dos duzentos mil francos roubados por meu marido, segundo elles dizem...

Pronunciando estas palavras, Edith levantou-se bruscamente e deu alguns passos pelo gabinete, depois acerrou-se da porta, como se quizesse, com a fuga, evitar qualquer perigo que a ameaçasse.

Sherlock observava-a com o maior socego. Em seguida, em tom que parecia querer apasiguar o sobressalto e a excitação da pobre senhora, disse:

—Pego-lhe que torne a sentar-se, mistress. Vou dar-lhe provas graças ás quaes a inquietação e o desasosiego que a dominam desapparecerão completamente. Não me informe a seu respeito para a prejudicar, creia.

Estas palavras pareceram tranquilisar um pouco a viuva. Sentou-se e fitou um olhar de profunda admiração n'aquelle homem superior, emerito na averiguação dos acontecimentos mais inexplicaveis e na descoberta dos segredos mais mysteriosos.

Proseguiu depois:

—Para começar, dir-lhe-hei que, quando a senhora entrou, occupava-me eu justamente do caso Moorindaale. Durante algumas semanas estive em França, na perseguição de certos criminosos, os quaes, ao verem-se surprehendidos e descobertos, me fizeram esta ferida na fronte. Quando tencionava regressar a Londres, os jornaes deram-me a conhecer o mysterio Moorindaale, e creia, mistress, que me impressionou profundamente, provocando-me o interesse. E tanto, tanto, que resolvi pôr de parte, pelo menos por algum tempo, a pesquisas as que procedia, e voltar a Londres.

«Apenas aqui cheguei, ordenei ao meu ajudante e discípulo que reunisse tudo quanto, sobre o caso Moorindaale, os jornaes haviam escripto. E eis a explicação, segundo me parece bastante clara, do que ha pouco lhe disse e que tanto a admirou. Acrescentarei que tudo isto não foi feito com prevenção. E sabe a senhora como conheci a sua pessima situação? Foi por uma deducção de tudo quanto dizem os jornaes. Segundo elles, antes de se dar o acontecimento, a senhora e seu marido viviam do deposito inteiro, ou, pelo menos de parte do deposito, que, segundo ainda esses mesmos jornaes, foi roubado por culpa de seu marido ou por seu proprio marido.

«Não acredito n'este ultimo ponto. Ora, subtraído o capital, de que ambos viviam, certamente que não deixariam de se encontrar em sérias difficuldades financeiras. Para se comprehender isto, não é necessaria poderosa intelligencia; basta reflexionar.

«A senhora tentou procurar-me recendo naturalmente que a primeira pergunta que eu lhe dirigisse

seria se se encontrava em situação de recompensar os meus serviços. Illudiu-se, porém; mas, para mim, o dinheiro não é o nervo principal da minha actividade; o que mais me interessa, o que mais me move é auxiliar os opprimidos e desprotegidos; o dinheiro—sómente o quero como meio de subsistencia. Se preste serviços a um homem rico, justo é que elle me recompense devidamente; mas se prestar serviços a um pobre nada lhe exijo.

«Como vê mistress, não tem que se inquietar a este respeito, pelo menos por agora;—mais tarde, quando se encontrar em situação mais desafogada, a senhora fará o que bem lhe aprouver.

«Dito isto, vamos ao principal. Abrigo a confiança de que em breve conheceremos, não sómente o ladrão, mas os duzentos mil francos serão recuperados. Quando me disseram ha pouco que uma dama de luto desejava fallar-me, immediatamente me acudiu a idéa de que essa dama podia muito bem ser mistress Moorindaale,—pois que não tinha de que noticia na cidade de Londres se houvesse dado algum acontecimento, a não ser este, em que entrasse uma mulher de luto.

«Como o meu nome é bastante conhecido na capital, comprehende-se perfeitamente que mais d'uma pessoa não deixaria de aconselhar a vir procurar-me...

Estas declarações excitavam cada vez mais a admiração da visitante, que por fim observou:

—Seja como fór, mister Holmes, não deixo de apreciar o seu grande talento, que de simples por menores é fragmentos dispersos soube formar um corpo inteiro de informação.

Sherlock sorriu e continuou:

—E, todavia, apezar de todas as combinações, permanece completamente occulto o mysterio...

«O policia, mistress, ao inverso dos demais homens que tratam de objectos que se apresentam á vista, tem de trabalhar sobre objectos invisiveis, que elle adivinha que existem por deducções e combinações as mais heterogeneas, e a maior parte das vezes parecendo disparatadas; tem a obrigação de possuir grande intuição, vêr e observar coisas em que a maioria de outros individuos não repara. Simples pormenores, em que ninguém se fixa, e em que o proprio criminoso não reparou no momento de commetter o delicto, são justamente os que lhe prestam a mais viva luz para seguir uma pista... Uma vez é um botão, outras vezes uma pégada, outras uma corrente de qualquer metal e em muitos casos tenho encontrado um unico fio...

«Mas vamos ao que mais importa, mistress, ao motivo que a conduziu aqui...

—Tenha a bondade de me referir tudo quanto sabe sobre o roubo no Banco... Ao menos, as suas



indicações sempre serão mais completas que as que os jornaes deram.

«Se não me engano, o crime foi praticado há vinte dias. Ponha-me ao corrente do que succedeu. E peço-lhe, mistress, que não esqueça nem occulte nenhum pormenor, por mais simples que seja, pois, como já lhe disse, as minudencias prestam mais auxilio ao policia que as coisas importantes...»

E recostando-se na cadeira, e cruzando os braços, Sherlock tomou a attitude propria do homem que espera confidencias.

Edith começou:

—Meu marido contava mais doze annos do que eu; mas, apezar d'esta differença de idade, viviamos satisfeitos e felizes, felicidade que sómente foi perturbada pelo nascimento d'um filho, que veio ao mundo depois de oito annos de casados. Depois de alguns mezes de soffrer e de nos ter feito soffrer, a pobre creaturinha morreu. Passados uns sete mezes tive um outro filho, que levou o mesmo destino do primeiro.

«Havia trinta annos que meu marido era empregado no Banco Continental; quando casámos occupava elle o cargo de depositario do cofre. Ascendeu depois a posto de maior responsabilidade, como era o de encarregado dos depositos, em que elle teve de dar provas da maior actividade, pois eram bastantes os que iam depositar ali o seu dinheiro. No escriptorio havia apenas duas portas: uma grande, de accesso para todas, e outra pequena, que communicava com o gabinete dos registos e depositos do Banco; mas, para se chegar a ella, tinha de se passar pela grande.

—Perdão, mistress! — interrompeu Sherlock.

E fez soar um timbre.

No mesmo instante abriu-se a porta, e, Harry appareceu, não passando porém, do limiar, em attitude espectral.

—Amigo Taxon, — disse Holmes, — traga-me immediatamente as revistas illustradas onde veem os planos das dependencias do banco, na questão Moorindaale.

Momentos depois, Harry tornava a apparecer, trazendo consigo algumas revistas illustradas, que entregou ao seu chefe, dizendo:

—Aqui está o que me pediu, mister Holmes, e mais os recortes de alguns jornaes que tratam dos planos.

—Obrigado, meu amigo... — respondeu Sherlock.

E ao mesmo tempo fez-lhe um signal dando-lhe a entender que se retirasse.

Voltando-se em seguida para a visitante, Holmes ajuntou:

—Temos aqui o que necessitamos. Sem duvida alguma, a senhora mais d'uma vez esteve no gabinete

de seu marido, e, por consequencia, nenhuma difficuldade terá em reconhecer se este desenho é exacto, ou se acaso tem alguns pormenores que realmente não existam...

E apresentou a Edith um numero de revista em que o plano parecia mais pormenorizado, a fim de que ella desse a sua opinião.

O edificio elevava-se á esquina de Parker-Place e Bankerstreet, em frente de uma praça e d'uma rua, sendo por esta a entrada. Constava de dois andares sendo o rez-do-chão occupado por grandes salas onde esperavam que lhes chegasse a vez os individuos de certa classe que frequentavam o estabelecimento, e onde tambem se realisavam as reuniões dos vendedores.

No primeiro andar encontravam-se os compartimentos de negocios do Banco, empregando-se o segundo para os aposentos particulares dos directores do estabelecimento.

As aguas furtadas eram occupadas pela criada-gem.

A' entrada da escadaria havia a habitação do porteiro do Banco, que ao mesmo tempo era o guarda.

No corredor do primeiro andar encontravam-se as repartições dos escripturarios da caixa dos depositos. Em frente d'estas abria-se a dependencia onde estava o cofre forte, cuja unica janella, dando para um pátio, via-se coberta por uma grade de grosso arame, por entre cujas malhas nem sequer podia passar um dedo de criança.

Todas as outras dependencias, nada de particular offereciam.

Depois de observar com a maior attenção o plano, a viuva entregou a revista a Sherlock, dizendo:

—Está exacto. Nenhuma observação tenho a fazer.

Holmes agarrou no jornal, e começou a folhear o, como se procurasse qualquer coisa de pouca importancia.

Depois de alguns momentos de silencio, Edith observou:

—Sómente me occorre dizer que o pátio distava uns oito metros da habitação e o cofre um dois metros da janella...

Estas palavras pareceram excitar qualquer idéa a Sherlock, o qual, levantando-se, se approximou do telephone, que communicava com a delegação central de policia de Londres, Scotland-Yard.

Estabelecida essa communicação, Holmes disse:

—Sou Sherlock... Quem está ahi?

—O inspector Jenkins.

—Ainda bem. Quem, de Scotland-Yard, estudou detidamente o caso Moorindaale?

—Eu, mister Holmes.

—O senhor? Perfeitamente. Ainda conserva a photographia das dependencias do Banco?



—Ainda.

—Pode esperar-me no seu gabinete?

—Vou sair já.

—Essa questão interessa-me demasiado, sr. inspector. Desejava visitar em sua companhia as diversas dependências do Banco.

—A's suas ordens, mister.

—O senhor é bastante amável.

—Onde o encontrarei, então?

—N'esse caso, em frente do Banco Continental.

Sherlock voltou para junto da viuva, esfregando as mãos de satisfeito.

—Miss Mrs. Moorindaale, disse elle, espero em breve dar-lhe algumas noticias... Eu mesmo irei examinar o aposento d'onde desapareceram os duzentos mil francos... O inspector Jenkins, com quem acabei de fallar, é homem activo e intelligente. A sua cooperação muitas vezes me tem servido de grande auxilio. Agora, offereceu-me a sua boa vontade para a descoberta d'este mysterio. Por consequencia, miss Mrs., regresso tranquilla a sua casa, e confie em mim. Prometto-lhe que farei os maiores esforços para provar a innocencia de seu marido.

Edith levantou-se, a fim de agradecer tão generoso offerecimento. Porém, Sherlock interrompeu-a, dizendo quasi brutalmente:

—Deixemo-nos de cumprimentos, miss Mrs., porque não tenho tempo a perder... Repito-lhe que se tranquillise. Logo que qualquer coisa de interessante se apresentar, lh'o communicarei. Até á volta.

E abriu a porta. A sua rudeza apenas provinha do desejo de occultar que o seu bom coração não podia vêr, sem se commover, a pobre viuva desesperada pelo que lhe succedera e ao mesmo tempo esperançada no futuro.

E entretanto Edith, descendo a escada, murmurou:

—Que generosidade, a sua! Na verdade, é um bom e verdadeiro amigo de todos quantos soffrem!

E Holmes que n'aquelle momento tambem se sentia de bom humor, respondeu:

—Tem razão, senhor inspector. Se não houvesse saído de Londres, não me succederia o que me succedeu... Mas que quer? Os patifes dos moedeiros falsos tiveram a velleidade de mudar de ares, e eu tive de os seguir... Naturalmente, estes tres illustres cavalheiros julgavam que a policia franceza era mais sympathica que a ingleza, e quizeram certificar-se d'isso...

—Acredita o senhor que elles se encontram em França? observou o inspector.

—Pelo menos, quando regressar a Londres lá os deixei ainda... E' possivel, porém, que n'este momento tenham batido de novo as azas para junto de nós... Ao certo, nada posso affirmar a esse respeito...

—Mas fallemos do que mais interessa agora, mister Jenkins. E' necessario, custe o que custar, que visitemos quanto antes o Banco...

—Está decidido a pôr a claro o mysterio de Moorindaale?

—Se elle tanto me interessa, porque não hei de tentar desvendal-o?

Ambos haviam subido ao primeiro andar do Banco e entrado na secção dos depositos.

O chefe, que já os conhecia, auctorizou a visita pedida pelo inspector, e acompanhou os dois homens nas suas averiguações.

—Ora aqui tem, mister Holmes, disse o inspector Jenkins, aqui tem a mesa pertencente a Sheffield Moorindaale. Sobre esta mesa segundo as suas primeiras declarações, com as quaes todos estiveram conformes, collocára elle numerosos massos de notas de mil francos... De repente, já informado de que o chamavam pelo telephone... correu immediatamente ao apparelho, e com grande espanto seu, soube que sua esposa, em resultado d'uma queda, abortára, e ella propria se encontrava moribunda...

—Além d'isso, quem quer que lhe fallava, julgou elle que fôsse sua sogra, accrescentou que sua esposa desejava vel-o antes de morrer, e, portanto, não se demorasse um momento sequer.

—Sem reparar na enorme quantia que se encontrava sobre a mesa, sem pensar mesmo em collocal-a no offere, abandonou precipitadamente este gabinete, fechando a porta pela parte de fóra cuja chave levou consigo, e avisou o seu chefe de que, em consequencia do desastre succedido a sua mulher se ausentava, mas que regressaria dentro d'uma hora.

—Com a afflicção natural n'este caso, sem reparar em coisa alguma, correu á sua habitação e bateu agitado a porta. Appareceu lhe a mãe, que ficou bastante admirada ao vê-lo tão nervoso e triste. Pela sua parte, sua mulher, vindo dos aposentos interiores

## CAPITULO II

### Primeiros vestigios

—Parece, mister Holmes, que o senhor não se deu bem com os ares de França... Acaso atravessou o canal simplesmente com o fim de ir buscar pannos de linho para a sua cabeça? Creio piamente que em Londres tal precalço lhe não succederia...

Quem assim fallava com um sorriso ironico era o inspector Jenkins, dirigindo-se a Sherlock, que acabava de saudal-o em frente do Banco Continental.



surgiu também afflicta, julgando ter-se dado qualquer desgraça.

«Contou-lhe então Moorindaale tudo quanto se havia passado, respondendo as duas senhoras que na casa nada tinha succedido, que não se dera nenhum desastre, e, por consequencia, não o tinha mandado chamar.

«O pobre homem, suspeitando então de qualquer armadilha, voltou precipitadamente ao Banco, do qual estivera ausente uma hora.

«Como se comprehende, assim que entrou no seu gabinete, deu pela falta dos massos de notas, isto é, dos duzentos mil francos.

«Foi isto, mister Holmes, o que Moorindaale contou. Ora, como vê, este caso offerece muito que pensar. Repare bem para esta dependencia do estabelecimento. Apenas tem a entrada pelo corredor, que foi por onde viemos; e esta porta, segundo disse ha pouco, foi fechada por Sheffield, que guardou a chave na algeibra. No corredor, como não deixou de notar, encontram-se tres gabinetes, que são os dos escripturarios, e cujas portas se conservam sempre abertas. De forma que quem quer que fosse não podia entrar na casa forte sem ser visto.

«Além d'isso, durante a ausencia do caixa o chefe da secção conservou a porta do seu gabinete sempre aberta.

«Só resta a probabilidade de, quem quer que fôsse entrar pela janella. Porém, como o senhor vê, esta janella dá para um pateo, e a rede de arame é tão espessa que sómente o dedo d'uma creança de poucos mezes conseguiria entrar por qualquer das suas aberturas. Este caso, porém, é hypothetico, e no fim de contas essa criança necessitaria de subir uma escada da altura de oito metros para poder chegar a esta janella.

«Ora, em vista do exposto, e dada a circumstancia de que ninguém poderia entrar aqui sem produzir ruido ou chamar a attenção dos escripturarios e do proprio chefe, não é natural que todas as suspeitas recaissem sobre o proprio Moorindaale?

«A desaparrição do dinheiro era certa, confessada por elle mesmo; a entrada de qualquer pessoa estranha na casa forte tornava-se impossivel. Por consequencia, essas suspeitas não podiam ser mais bem fundadas.

«Quando o interrogaram sobre a desaparrição dos duzentos mil francos e sobre as tremendas responsabilidades que sobre elle pesavam, respondeu Sheffield que estava innocente; que abandonára precipitadamente o compartimento, deixando sobre a mesa o dinheiro, e que, quando regressára, havia desaparecido.

«Como as suspeitas cada vez mais se avolumassem e Moorindaale soubesse que não tardaria em ser detido, encorrou-se no seu quarto e enforcou-se. Sobre

uma pequena mesa deixára um papel em que declara va que, prestes a comparecer ante o tribunal do eterno juiz, jurava não haver tido participação alguma no roubo, confessando mais uma vez a sua innocencia.

«Ora estas palavras, escriptas no derradeiro momento, juntamente com os diligencias judicarias que depois se seguiram, inclinam-me a pensar que, realmente, esse homem estava innocente. Não quero, porém, impôr a minha opinião a quem quer que seja.

«Mas... se Moorindaale não foi o auctor do roubo, quem foi então?

«Nada ha que possa explicar a entrada na casa forte pela janella gradeada. Além d'isso, a mesa onde se encontravam as notas fica bastante distante d'essa janella. Não posso, pois, francamente o confesso, mister Holmes, explicar-me a desaparrição dos duzentos mil francos. Do pateo examinei a janella. Ninguém podia entrar ali.

«A soluçõ do problema; pois? Não a encontro, á fé de quem sou. E, para que este caso mysterioso aimais me afflija e desesperes, os meus superiores não me largam emquanto eu não puzer tudo isto a claro.

«Ora espere, mister Holmes. que alguma indicação ou observação sua me ajude a desvendar este mysterio. Não quero perder esforço algum para chegar ao alvo dos meus desejos.

Enquanto o inspector Jenkins desenvolvia as suas ideias, Sherlock approximára-se da janella e por entre o espesso gradeamento examinava o pateo e as janellas das casas visinhas que lhe ficavam fronteiras.

No rosto do genial policia notava-se evidentemente que o seu cerebro trabalhava sobre as ideias diversas que lhe suggeriam os objectos que contemplava.

Depois, voltando costas á janella, acercou-se da parede e começou a examinar com a maior attenção a mesa.

O inspector, esse fitava em Sherlock Holmes um olhar ironico, não deixando de observar por fim:

—Se o senhor anseia por descobrir qualquer vestigio desde já o aviso de que n'esta dependencia não se espalhou arcaia, na qual pudessem ficar estampados os pés do ladrão...

—Mister Jenkins, replicou Holmes, sorrindo igualmente, quando entrò em qualquer habitação como esta, depois de se haver dado um caso como o que se deu, todo eu sou olhos para vêr e descobrir mysterios em tudo quanto se me apresenta na frente... E' uma coisa que sempre fiz e de que não posso corrigir-me... Sou mais teimoso que um jumento... desculpe-me a expressão... Logo no começo da sua narração descobri alguns vestigios, que depois se confirmaram quando o senhor acabou de fallar...

Sherlock parara junto da meza; durante um momento os olhos brilharam-lhe de alegria; mas em bre-



ve reprimiu o seu jubilo, ao notar de repente que não se encontrava sózinho n'aquella casa.

Com effeito, encontrára o primeiro s vestígios, que denotavam que realmente n'aquelle aposento estivera um criminoso.

Porém, qual era a natureza d'esses vestígios?

Como sabemos, o caixa Moorindaale contava os massos de notas quando repentinamente o chamaram ao telephone; e á medida que as ia contando, envolvia esses massos n'uma tira de papel, cujas extremidades elle depois reunia graças a uma pincelada de colla.

Verdadeiramente consternado com a noticia recebida do perigo que sua esposa corria, o pobre homem deu um murro na mesa, provocando d'esta fôrma a queda do frasco da gomma, que se espalhou pelo solo.

Ora, o olhar de Holmes fixava-se attentamente n'este vestigio, e n'essas ligeiras linhas, formadas pela colla derramada, notavam-se o desenho d'uma pequena mão disforme... e uns pellos...

Completamente embebedado n'esta descoberta, e sem se importar com o seu companheiro, Sherlock Holmes proseguiu as suas investigações.

Proximo da janella via-se impresso um outro vestigio, sobre o qual adheria uma pequena excrecencia já secca; Sherlock inclinou-se, desprendeu-a da linha de gomma, esfregou-a entre os dedos, cheirou-a lentamente, e em seguida limpou a mão á calça.

— Senhor inspector, disse elle em seguida, viemos aqui proceder a uma diligente investigação, afim de encontrar o que necessitamos para a descoberta do ladrão. Creio, porém, que podemos sair immediatamente d'esta casa, fechando a porta com o maior cuidado. Agora só nos resta estudar e deduzir consequências para lançar a mão ao patife.

Estas palavras de tal modo surpreenderam o inspector que a principio julgou que Sborlock zombava.

Passára muitas horas, um dia quasi n'aquelle aposento, e não encontrára o mais simples vestigio do malfetor. E aquelle homem, aquelle Sherlock Holmes conseguira, em poucos minutos, encontrar qualquer coisa importante?

Holmes adivinhou os pensamentos do inspector, e pensou:

— Este meu amigo precisa de ir a um oculista, a fim de lhe dar melhor vista...

E em voz alta ajuntou:

— Senhor inspector, não leve a mal o que disse...

— D'esta vez fui eu mais feliz do que o senhor...

Das minhas observações couluha alguma coisa...

— O que significam essas mysteriosas palavras, *mister Holmes*? perguntou o inspector, de mau humor. Quer acaso fazer-me acreditar que encontrou vestígios n'este quarto?

— Não acredita no que digo, *mister Jenkins*? Se

assim é, tenho de me convencer de que me enganei... de que procurei inutilmente... Por consequencia, podemos sair d'aqui...

Sem se inquietar se o inspector o seguia ou não, Sherlock abandonou o edificio do Banco.

No momento em que o seu companheiro se lhe juntava, appareceu um homem novo, trajando de operario, que, dirigindo-se ao policia, lhe perguntou:

— O senhor é Sherlock Holmes?

— Sou... respondeu o interpellado. O que deseja de mim?

— Apenas isto: encarregaram-me de lhe dizer que nos armazens situados em Churckstreet, n.º 234, o peixe está fresco... Estive ha pouco em sua casa; disseram-me, porém, ali que o senhor se encontrava no Banco Continental e para aqui me dirigi immediatamente. Quiz subir, mas o maldito porteiro, parece que suspeiando da minha pessoa ao vêr-me tão simplesmente vestido, prohibiu-me a entrada. Por consequencia, não tive outro remedio senão esperar-o cá fóra, *mister Holmes*.

Sherlock, tirando da algibeira uma moeda de prata, entregou-a ao operario, observando ao mesmo tempo:

— Acompanha-nos até Churckstreet?

— Sim, senhor, a fim de provar que desempenhei a missão de que me encarregaram.

— Está bem. Acompanhe-nos, pois, até ao numero que me indicou.

O operario disse:

— Se o senhor é com effeito Sherlock Holmes, aviso-o de que o proprietario dos armazens não deseja que o acompanhe qualquer estranho... Por consequencia, este cavalheiro...

— Adeante, meu rapaz! interrompeu Sherlock. Não ha motivo algum, que eu saiba, para que este meu amigo deixe de me acompanhar...

O operario ergueu os hombros e afastou-se, pouco se importando que os dois o seguissem ou não.

Durante o trajeto, Sherlock disse, como para explicar ao inspector o motivo d'aquella interrupção:

— Veja o senhor como são as coisas... quando ha pouco estive em França libertei tres criminosos parisienses, de que me havia apoderado antes, convencido como estava de que elles não tardariam a cair no erro... d'esta minha acção resultou o reconhecimento d'aquellas creaturas. Pensei então em utilisal-as como uma especie de anzol para pescar outros criminosos mais nocivos ainda do que os tres...

— *Mister Holmes*, interrompeu o inspector Jenkins, se não estivesse convencido de que o senhor é homem serio e formal em todas as suas coisas, acreditaria que deseja zombar da minha candura e innocencia... Um criminoso nunca é tão pouco esperto que queira ser utilisado como meio para pescar outros da sua egua-



lha... Nada há mais solidario que a assosiação dos malfiteiros...

— Contudo, replicou Sherlock, julguei que teria bom resultado na minha acção... julguei que pondo de per meio a emulação nacional e o amor proprio entre inglezes e francezes, o meu plano teria um exito favoravel... E assim foi, na verdade. Por esses tres homens sube que aquellos a quem eu perseguia se encontravam em Paris, e em que ponto de Paris; não tinha mais que entregar os 4 policia franceza, mas queria que elles fossem julgados em Inglaterra. Para lograr o meu intuito, entendi-me com os tres criminosos parisienses, dando-lhes, além d'isso, uma boa quantia. Comprometeram-se a ajudar-me, a fim de que as minhas gestões tivessem feliz resultado. Deviam fazer-se amigos dos tres moedeiros falsos inglezes, até conseguirem por completo a sua confiança. Obtido isto, manifestar-lhes-hiam que a sua rendosa industria teria melhor exito em Inglaterra, e que elles, os meus alliados, não hesitariam em seguir os até aqui no intuito de ajudal-os.

«Succeheu-me que, antes de sair de Paris, e sabendo que todos se achavam reunidos em determinado logar, quiz ouvir o seu dialogo, mas paguei caro a minha curiosidade, pois que recebi esta ferida na frente.

«Os tres francezes a meu soldo sentiram o precalço e pediram-me que deixasse tudo a seu cuidado, regressando eu a inglaterra. Acrescentaram que, quando se encontrassem em Londres em companhia dos tres moedeiros falsos, me avisariam immediatamente.

—Por consequencia, aquelle operario que lhe falou, e que segue ali, na nossa frente...

—As palavras por elle proferidas, e que o senhor ouviu, deram-me a entender que os tres patifes a quem persigo se encontram em Londres e em logar seguro...

Entretanto, o falso operario caminhava tão rapidamente, que os dois amigos faziam os maiores esforços para não o perderem de vista.

Por fim, chegaram a Chureketreet, parando o operario junto d'uma casa de mais pobre apparencia que as suas vizinhas.

Bateu fortemente á porta, esta abriu-se immediatamente e o operario entrou, sem sequer voltar a cabeça para se certificar se os dois o seguiam.

Após elles entraram Sherlock e o inspector.

No vestibulo encontraram um individuo que, ao reconhecer Holmes, lhe estendeu a mão e o deixou dassar com o seu companheiro.

Ambos deram alguns passos.

Apesar de ser meio dia, encontravam-se em tão densa escuridão, que nada lobrigavam.

Contudo, este facto não atemorizou o corajoso Sherlock, o qual, ainda que suspeitando vagamente

de uma traição, não deixou de avançar de braços estendidos.

De repente ouviram-se alguns tiros de revolver, seguidos d'uma gargalhada diabolica.

Immediatamente Sherlock levou as mãos aos bolsos, tirando do esquerdo uma lampada electrica e do direito o seu temivel revolver.

Graças á repentina claridade, os dois policia reconheceram que estavam perdidos.

Holmes logo recuou até á porta e aguardou a pé firme os tres bandidos que elle deixára em Paris, mas que n'aquelle momento avançavam ao seu encontro de revolver em punho, satisfeitos por vêrem que o seu implacavel inimigo não podia fugir lhes.

Ouviu-se n'este momento um grito soltado pelo inspector.

Sherlock voltou a cabeça, e viu um corpo humano estendido no solo, contorcendo-se, segundo todas as apparencias no estertor de agonia.

Portanto, Holmes encontrava-se sósinho, rodeado de inimigos decididos e animados por haverem sacrificado á sua vingança o companheiro do seu perseguidor.

A unica salvação que podia restar-lhe, n'esta circumstancia, era a porta. Mas a porta estava fechada. Conhecia perfeitamente o caracter dos tres homens que tinha na sua frente; se conseguissem agarral-o, não deixariam de o matar no meio dos mais atrozes soffrimentos.

Vendo, então, que não podia escapar, Holmes resolveu vender cara a vida, vingando ao mesmo tempo a do seu pobre companheiro.

Ja disparar o revolver, quando um dos bandidos lhe fez um signal, como quem vae dizer alguma coisa.

Com effeito, fallou da seguinte fórma:

—Mister Holmes, como se atreveu o senhor a apresentar-se aqui? Porventura, fomos nós que o chamámos? E! o senhor considerado um grande mestre na arte... Vejo, porem, que alguns dos seus discipulos lhe são muito superiores... Oh! Não nos assusta o seu revolver... e convide-o mesmo a não disparar... a não ser que queira que lhe cortemos o braço... Podia o senhor matar-me, a mim, ou a algum dos meus companheiros... Mas da que lhe serviria isso, se a sua derradeira hora chegou? Se quer, pois, proceder sensatamente, entregue-se, porque lhe affirmamos que em breve estará livre... Acabavamos de chegar a Londres para *trabalhar* e vemos que o senhor é o primeiro a visitar-nos. Nãoes peravomos menos da sua amabilidade... Deixe-me, porém, avisal-o d'uma coisa: se o senhor tornar a empregar criminosos como ajudantes seus, dirija-se antes aos inglezes... Entre criminosos, os francezes são os piores... Mal empregado dinheiro que o senhor lhes tem dado! Teem-no empre-



gado em bebidas alcoolicas... O meio escolhido pelo senhor é bastante original, sem duvida alguma; mas, como vê, é inutil...

O olhar penetrante de Sherlock aprofundou até á alma dos bandidos, e ficou convencido de que, para elles, as palavras eram escusadas; mais ainda: que o fim d'aquelle homem, com a sua arenga, era conseguir adormecer-lhe a attenção, para, quando menos o esperasse, lançarem-se sobre elle e amarrarem-no.

Pontanto sem perder um momento sequer, Sherlock disparou o revolver, jogando o todo pelo todo.

Ouviu-se um grito e um dos bandidos caiu.

Mas quasi no mesmo instante Holmes sentiu fortissima dor no braco e o revolver caiu-lhe.

Antes de perder os sentidos, poudé reconhecer, com os olhos já fracos e indecisos, que se encontrava n'um estreito subterraneo...

### CAPITULO III

#### Bebida infernal — A sua virtude

Harry Taxon era um companheiro em quem Sherlock Holmes podia descansar.

Chegada a noite, e vendo que o seu amigo e mestre não regressára ainda, nem tendo noticias do seu paradeiro, o mancebo decidiu pôr-se a caminho em sua procura.

Sem duvida alguma, qualquer desgraça succedera a Holmes, porque, quando este mudava de norma de conducta ou de horario, nunca deixava de o avisar.

Quando chegou ao Banco Continental, soube, pelo porteiro, que, com effeito, Sherlock estivera ali em companhia do inspector Jenkins.

Aproveitando o telephone do estabelecimento, perguntou para a delegação central de Scotland Yard se sabiam alguma coisa do inspector e de Sherlock.

Responderam-lhe d'ali que nenhum d'elles havia apparecido, sendo isto tanto mais para estranhar quanto, pelo fim da tarde, o chefe mandára chamar Jenkins e este não comparecera.

Comprehendeu então Harry que os dois amigos ou haviam perecido victimas de qualquer traição, ou se encontravam em qualquer perigo commum.

Dirigiú-se aos frequentadores de Parcer-Place, creaturas que de noite e de dia ali sempre se encontram, e interrogou um sem numero d'elles.

Mas estas investigações nenhum resultado deram.

Então Harry foi ter com um engraxador, que estabelecera o seu pequeno mister a um canto da praça.

Responden-lhe elle que, com effeito, vira passar dois homens, cujos signaes dados condiziam com os de Sherlock e do inspector, dirigindo-se para uma rua, e o engraxador designou a rua, guiados por um indi-

viduo de máu aspecto. Antes de se pôrem a caminho, entre os tres houvera uma troca de palavras.

Interrogando ora um, ora outro, Harry, depois de bastante trabalho, conseguiu encontrar-se em frente da casa de Churckstreet.

Uma vez ali, olhou pelo buraco da fechadura, no intuito de vêr ou ouvir alguma coisa.

Havia pensado, a principio, que o mais pratico seria chamar a policia, a fim de que o ajudasse nas suas pesquisas.

Mas, reflectindo melhor, o mancebo pôz de parte esta idéa, receando, levando-a a cabo, que ella augmentasse ainda mais o perigo em que podia encontrar-se o seu mestre e amigo.

A porta da casa via-se fechada, assim como as janelas. Por consequencia, impossivel se tornava entrar n'ella.

Passeando d'um lado para o outro, verdadeiramente apprehensivo e inquieto, Harry notou por fim que aos lados d'essa casa havia duas outras, cujas portas estavam abertas.

Então, luminosa idéa lhe atravessou o espirito, idéa que immediatamente poz em pratica.

Qualquer dos predios contignos era de altura equal ao do centro. O mancebo entrou n'um d'elles, surratemente e fazendo os maiores esforços para não ser visto subiu ao telhado e assim conseguiu entrar na casa onde Sherlock se encontrava.

Mas, em que parte da habitação estaria Holmes?

Servindo-se da sua lampada electrica, Harry atravessou varios aposentos, desceu escadas, percorreu corredores e por fim chegou a uma especie de pequeno subterraneo, a um canto do qual distinguu qualquer coisa, que lhe pareceu ser um corpo humano, com a cabeça occulta n'um sacco fortemente amarrado.

Convencido de que era um homem que se encontrava ali, approximou-se, desembaraçou-o do sacco e sobre elle fez convergir á claridade da lampada.

Mas quasi no mesmo instante soltou um grito de espanto e de admiração, grito que não poudé reprimir.

O corpo que ali estava era o de Sherlock Holmes.

Vendo-se livre nos seus movimentos, e depois de respirar fortemente, Holmes não deixou de agradecer o assinalado serviço que o seu discipulo acabou de lhe prestar.

Depois de trocadas breves palavras entre ambos, porque não podia perder tempo, os dois decidiram sair d'aquelle casa maldita, mas bem decididos a voltarem a ella com o necessario auxilio.

N'este momento, porém, ouviram ruido na escada. Escutaram.

Dois homens desciam na, conversando.

Mestre e discipulo interrogaram-se com um olhar de intelligencia, como que consultando-se sobre o que deviam fazer.



De repente Harry, como tomando uma resolução, correu a occultar-se a um canto do subterraneo, depois de dar um dos seus revolvers a Sherlock.

Quanto a este, estendeu-se no mesmo sitio, como se estivesse amarrado, e na mesma disposição, que d'antes, empunhando na mão direita o revolver carregado que Taxon lhe entregára.

Não podia perder-se um minuto, sequer.

A porta do subterraneo appareceram dois bandidos, um dos quaes trazia na mão direita um frasco e na outra um archote. Quanto ao seu companheiro, carregava com um sacco de areia, como os que usam os *apaches* de Whitechapel.

O primeiro observou:

—Parece que estamos no nosso direito de dar de beber ao «nosso bom amigo,» visto que elle, pela sua parte, tambem nos quiz dar por intermedio dos seus emissarios... E nota uma coisa, meu rapaz: se elle resistir, dá-lhe com o sacco de areia na cabeça... Ensinál-o-hemos assim a ser obediente...

O bandido collocou no solo o frasco e o archote e encaminhou-se para o canto obscuro onde se encontrava Holmes, dizendo ao outro:

—James, queres acreditar uma coisa? Presinto que este homem seja para nós uma desgraça... Oh! Cá a minha opinião é que não devemos proceder com *master Holmes* como procedemos com qualquer outro individuo.

—Tolices, Pat... Nada mais do que tolices...

—E' possível. Mas ouve: porque não nos desfaremos d'elle com esse sacco de areia? Ao menos, vê-nos-hiamos livres de semelhante praga...

—Estás doido, Pat? Se isso fizessemos julgas então que passaríamos em claro? De nada nos valeriam todas as artimanhas para nos evadir... Não julgues que digo isto por cobardia; a prudencia é que me impelle.

«No fim de contas, pensa que esse homem nos tratou generosamente quando podia entregar-nos á justiça... Contentemo-nos em dar-lhe a bebida, e depois poderemos proceder segundo convenha... Ao menos não sejamos cruéis sem necessidade...

Pronunciando estas palavras, inclinou-se para agarrar o frasco que o outro collocára no chão, enquanto o seu companheiro se acercava da victima com um sorriso infernal nos labios.

Mas de repente, Sherlock deu um salto, e, estendendo os braços de ferro, agarrou o bandido pelo pescoço, apertando-lh'o como n'um torno.

Pela sua parte, Harry Taxon, como um tigre precipitou-se sobre o outro, intimando-o de revolver em punho, a que se rendesse.

O homem, surprehendido, espantado, não teve outro remedio senão entregar-se á discreção.

Admirado da coragem do seu discipulo, Holmes não pôde deixar de exclamar:

—Bravo, Harry! Muito bem, meu rapaz! O teu arrojado e ousadia mudaram completamente a scena!

Como se nada lhe houvesse succedido, esquecendo completamente a angustia por que passára durante algumas horas, Sherlock apresentava-se agora de muito bom humor, e não pensava mais que na victoria que acabava de obter.

Atados e amordaçados os dois bandidos, Sherlock disse ao seu auxiliaer:

—O que é necessario n'este momento é visitarmos a casa...

Empunhando os revolvers, ambos percorreram os diversos compartimentos da habitação.

A principio, nada de notavel observou. Mas, chegando a certo ponto da enorme casa, distinguiram ao longe um ponto luminoso.

Sherlock approximou-se prudentemente, e olhou por um buraco da fechadura.

N'um pequeno aposento quadrado viam-se dois homens sentados junto d'uma mesa; um d'elles, pelos seus modos, parecia ser o dono da casa, ou, pelo menos, frequentador assiduo d'ella; o outro, poucas vezes Sherlock, havia visto; o seu aspecto não estava bem determinado.

Este ultimo ostentava uma librê, como as do serviço real; envolvia-se n'uma capa, que não lhe cobria por completo essa librê.

Sobre a mesa espalhavam-se muitos objectos de valor, como taças de ouro, facas e garfos de prata lavrada, trinchantes, etc.

Coisa singular: todos estes objectos apresentavam as armas reaes. Evidentemente, haviam sido roubados de qualquer dependencia do palacio.

—Tarda em chegar, aquelle maldito John! dizia um d'elles. Vou reunir todos estes objectos e pôr-me a caminho, pois não quero affrontar o perigo pela insignificancia que por elles me offerece aquelle velho ladrão...

—Como! Carregas de novo com todos esses objectos?

—E porque não? O velho não chega á conta... Sempre terei sitio seguro onde occultar tudo isto enquanto não arranjar comprador...

E começou a fazer um emburullo de todos os objectos roubados, dizendo:

—Sem dinheiro não deixo aqui coisa alguma... Demasiado valor tem tudo isto para que eu me decida a acceptar a miseria que me offerece o maldito velho... Diz-lhe então, quando elle vier, que me fui e nem mesmo sei se voltarei aqui...

Pronunciando estas palavras, o da librê agarrou no emburullo que fizera, e envolveu-se cuidadosamente na capa.

Mas não saiu logo; durante alguns momentos conservou-se pensativo.

O outro aproveitou este momento, para se levantar



surrealmente e puxar d'uma navalha, approximando-se do criado da casa real.

Este, por fim, saiu; mas o outro, sempre armado, não tardou em seguir-lhe as pegadas.

Convencido Sherlock de que não podia, nas circumstancias em que se encontrava, impedir aquelle crime, voltou-se para Harry, dizendo:

—E' inutil ir no encaño d'aquelle miseravel... Talvez chegassemos demasiado tarde... Além de quê, temos mais que fazer aqui...

—Temos que fazer aqui? repetiu Taxon.

—Pois não seria mais prudente afastarmo-nos quanto antes d'esta casa maldita, onde as nossas vidas não estão em segurança?

Mas era differente a maneira de pensar de Holmes.

Olhou por um momento o seu companheiro, e disse:

—Temos de cumprir aqui uma dupla obrigação...

Como esta casa, evidentemente, é um covil de malfetores, não temos melhor occasião do que esta para visitá-la nos seus mais simples recantos... Dois dos seus habitantes ou frequentadores estão impossibilitados de nos prejudicar... Pela nossa parte, temos bons revolvers, com os quaes podemos fazer frente a todos e quaesquer outros bandidos que nos surjam de subito. Por consequencia, como vês, encontramos-nos em condições vantajosas.

«Ora, além de tudo isto, tenho de informar-me sobre o pobre inspector Jenkins, cujo destino ignoro. Acompanhou-me a esta casa, e justo é que tente libertá-lo de qualquer perigo que possa correr. Se isto não fizesse, Harry, a todos os momentos a consciencia me acusaria de haver sacrificado uma victima sem tentar os maiores esforços para a salvar.

—E' possível, porém... quiz objectar Taxon.

—Nem mais uma palavra, Harry! interrompeu Sherlock. Tenho o presentimento de que o encontrarei ainda com vida...

Não houve aposento, por mais obscuro que fosse; não houve recanto, por mais occulto que estivesse, que não fossem cuidadosamente esquadrihados.

Em parte alguma os dois amigos encontraram vestígios de victimas ou de criminosos.

Desceram ao subterraneo.

E foi então que se lhes deparou um espectáculo inesperado.

A um canto, via-se, inanimado, mais parecendo um cadaver, o inspector Jenkins. A outro canto, estendidos quasi sem movimento, os tres bandidos francezes e um dos moedeiros falsos.

Sabia perfeitamente Sherlock porque motivo o inspector se encontrava ali.

Mas os quatro bandidos?

Teriam ingerido parte da infernal beberagem deixada no frasco por um dos moedeiros falsos, como sabemos?

Não havia duvida alguma.

A diabolica bebida produzira n'elles o seu effeito natural.

Harry sentia-se profundamente impressionado ante aquelle singular espectáculo.

Os quatro bandidos lançavam em redor de si olhares idiotas, apavorados. Viram os seus dois implacaveis inimigos approximarem-se; receberam-nos com uma risada que soava mal aos ouvidos.

Estariam loucos?

Era muito possível.

Fosse como fosse, Sherlock Holmes não quiz deixar ao desamparo aquelles desgraçados.

Uma hora mais tarde, o inspector Jenkins era conduzido ao hospital com os maiores cuidados.

O pobre homem delirava. Fallava em Sherlock... em bandidos... em casa maldita... em tiros de revolver... e outras coisas sem sentido...

Procedia isto da terrivel beberagem que os seus carrascos o tinham obrigado a ingerir.

Os outros quatro, depois de uma semana de assíduos cuidados, estavam completamente restabelecidos.

## CAPITULO IV

### A equipagem roubada

Haviam decorrido dois mezes após os ultimos acontecimentos que acabámos de narrar.

Vamos de novo encontrar Sherlock Holmes no seu gabinete, sentado junto d'um bom fogão, saboreando o seu cachimbo.

Parecia um pouco alquebrado, talvez pelo nenhum excesso de trabalho. Como sabemos, era homem que não apreciava a ociosidade.

Pela sua parte, o seu companheiro e discipulo, Harry Taxon, apresentava uma phisionomia contrariada; mais que contrariada, aborrecida de quem nada tem que fazer.

A velha criada, muito occupada na cosinha, preparava um assado, que em breve devia ser servido a Sherlock.

Este, por fim, levantou-se, muito pensativo, preoccupado o espirito nas mil investigações realisadas para descobrir o ladrão do Banco, sem que até ao presente não houvesse conhecido outra pista além da do primeiro dia.

Isto inquietava-o bastante, como se comprehende; o genial *Detective* já não sabia que fazer.

No momento em que a criada ia servil-o, ouviu-se bater á porta.

Ella foi abrir, um pouco enfadada pela interrupção.

E a velha viu-se em presença de duas creaturas bastante sympathicas, uma mulher e um homem, ambos novos e distinctos.



Conhecia-se perfeitamente que eram irmãos.

O segundo, com a maior delicadeza e amabilidade, perguntou se Sherlock Holmes, se encontrava em casa.

A criada respondeu, franqueando-lhe a entrada:

—Mister Holmes está visível n'este momento, e com o maior prazer receberá os senhores. Queiram ter a bondade de entrar e dar-me os seus nomes. Entretanto, queiram ter a bondade de se sentar.

Enquanto a criada se afastava, afim de ir annunciar as duas visitas, o homem voltou-se para a sua companheira, e observou:

—Quem nos havia de dizer, Etel, que seríamos recebidos por uma velha tão velha e tão feia n'uma das casas mais frequentadas de Londres! Que mau gosto teve este celebre Sherlock na escolha da sua servição! Em todo o caso, não deixo de reconhecer que ella foi summamente amavel para conosco...

Entrando na habitação de Holmes, a criada entregou-lhe o cartão de visita.

Apenas Sherlock leu os nomes, exclamou vivamente:

—Missrest Bonnet, não estou em casa para quem quer que seja... Diga que não me encontro em Londres, e que não sabe mesmo quando regressarei.

—E de si para consigo, Holmes acrescentou:

—Não posso perder o tempo com entrevistas frivolas...

Erguendo depois a cabeça, observou com a maior admiração que a criada não arredava pé do limiar do gabinete, parecendo esperar qualquer coisa.

—Não me ouviu, missrest Bonnet? perguntou elle,

—Sim, senhor, ouvi perfeitamente...

—Então...

—Então, disse aos dois visitantes que o senhor se encontrava em casa e os receberia com muito gosto... E tanta certeza tinha n'isto, que os mandei entrar e esperar.

—Com que então tinha a certeza, missrest Bonnet? E como se permite a senhora semelhante resposta, ignorando se eu estava ou não disposto a receber visitas?

Ao vêr que o amo lhe fallava sem colera, pelo contrario com certa deferencia, a velha criada respondeu:

—Trataram-me tão delicadamente... Alem de que, como comprehendí que eram ricos, não deixariam de recompensar generosamente qualquer serviço que o senhor possa prestar-lhes... Tudo isto me animou a dizer-lhes que entrassem e esperassem, porque o senhor não deixaria de recebê-los...

—Está bem. Mas a senhora entregou-me sómente um cartão. Quem é o outro visitante?

—Uma joven dama que parece ser sua irmã.

—Perfeitamente. Diga-lhes que posso recebê-los. Mas para a outra vez, missrest Bonnet, não seja tão

apressada em mandar entrar desconhecidos... Venha primeiro avisar-me.

A velha, apezar d'esta amigavel reprehensão, saiu alegremente, e pouco depois tornava a entrar no gabinete do amo, conduzindo os dois visitantes.

Apenas estes entraram Sherlock fitou-os por um momento, e especialmente a dama, e, sem os cumprimentar sequer, disse:

—Como o tempo me é bastante precioso, eu mesmo lhes descobrirei em quatro palavras o que os traz aqui... O senhor deixou em certo ponto uma equipagem que devia seguir para o caminho de ferro... Ora, essa equipagem desapareceu sem se saber como... Isto succede todos os dias... Já não é para estranhar...

Ante tão singular recebimento, o desconhecido escancarou os olhos e depois voltou-se para a dama que o acompanhava.

Os olhares que ambos se trocaram, significavam claramente:

—Acaso este homem será feiteiro?

Depois d'um momento de silencio e de admiração, lord Patterville, era assim que se chamava o visitante, observou:

—Desculpe a minha indiscreção, mister Holmes... Mas acaso o senhor tem um espião a cada esquina das ruas de Londres?

Sherlock sorriu, e respondeu:

—Julga, mylord, que sou sufficientemente rico para poder pagar ao exercito de espiões que seria necessario para tantas esquinas como as que possui esta cidade?

—Pois o contrario não se explica... replicou Patterville. Como soube o senhor que devia enviar uma equipagem para o caminho de ferro, e que essa equipagem desapareceu sem se saber como? A não ser que admita que o senhor vê através das paredes de Londres e dirige ao mesmo tempo a vista em todas as direcções, não encontro explicação para esse estranho caso...

—E, comtudo, nada d'isso succede, mylord... Não tenho um exercito de espiões, nem vejo atravez das paredes, nem dirijo a vista em todas as direcções... E, comtudo, estou inteirado do motivo que o conduziu aqui...

O lord e sua irmã tornaram a fitar-se, como procurando-se a chave d'aquelle problema inexplicavel, que não conseguiam descobrir.

Houve alguns momentos de silencio.

Sherlock, esse sorria de satisfeito. Comprehendia a immensa curiosidade que se apoderára de ambos, especialmente da joven.

Por fim, vendo que não se atreviam a formular qualquer nova pergunta, disse:

—Em primeiro logar, lady e milord admiram-se



de que os conheça... Mas creio que não ha motivo para isso, pois que mylord mesmo me deu a conhecer o seu nome...

—Eu! mas a esse respeito não pronunciei ainda uma unica palavra...

—Certamente. Mas, e o seu cartão de visita? E' verdade que sómente recebi o de mylord. Faltou o cartão de sua irmã...

—E como sabe o senhor que quem me acompanha é minha irmã?

—Oh! A semelhança entre ambos é tão grande, que não ha duvida possivel... Um agente de policia, como eu, não necessita de inteirar-se do parentesco, de documentos, etc, para elle, tudo isto está no rosto e nas maneiras dos individuos. Ora, para saber que mylord vinha aqui por causa da sua equipagem desaparecida, bastava-me conhecer a sua identidade e conhecer o precalço que lhe havia succedido...

—E como descobriu o senhor tudo isso? Não me queixei ainda á policia.

—Houve quem passasse ao lado do ladrão, reconhecendo-o immediatamente. A perturbação do patife, a discordancia entre o seu vestuario e a rica equipagem que levava, a atrapalhão em que ficou quando lhe dirigiram uma pergunta qualquer, tudo isto descobria claramente o seu delicto.

—E como soube o senhor que vim aqui por esse motivo?

—Em casa d'um agente de policia ninguem se apresenta para assumptos diversos... respondeu Sherlock.

«Mas, fallando agora de outra coisa, mylord: os jornaes disseram-me que no alojamento de sua tia se celebram interessantissimas sessões de espiritismo... E' verdade? E mylord acredita em espiritismo?»

Patterville levantou-se immediatamente, e, estendendo a mão a Sherlock, disse:

—Peço que me desculpe, myster Holmes, a impertinencia da visita; o seu interessante dialogo tinha-me feito esquecer que o senhor está com pressa... Creia na minha sincera admiração pela sua penetração, e espero que o senhor me ajudará a adquirir a equipagem que me foi roubada...

Antes de despedir-se definitivamente Patterville fallou elogiosamente da grande importancia que tinham as sessões espiritistas, ainda que elle não acreditasse n'aquella sciencia; mas defendia-a por honra de sua tia, sobre quem recaira pouco antes a critica de Sherlock.

—Perfeitamente... observou Holmes, sorrindo com malicia. Mas elogiando mylord o espiritismo, porque motivo, com a sua ajuda, não conseguiu ainda descobrir o paradeiro da equipagem roubada?

E como Patterville não respondesse logo, Sherlock ajuntou em tom ironico:

—Se eu assistisse a qualquer d'essas sessões, era muito possivel que pudesse dar-lhe algumas noticias sobre o que mylord deseja saber e até, talvez, apresentar-lhe a pessoa que commetteu o roubo... Mas, não podendo conseguir isto, ao menos aprenderia muitas coisas que talvez viessem depois a ser me uteis...

—E porque não? replicou Patterville. Nas aristocraticas sessões de espiritismo que se realisam em casa de minha tia aprendem-se coisas admiraveis, prodigiosas segundo ella diz; porém, isso depende do medium que actúa e da capacidade dos espectadores.

—Por consequencia, mylord, aconselha-me a assistir a qualquer d'essas sessões?

—Não sómente o conselho, mister Holmes, mas até lhe peço que não deixe de assistir a ellas... Mais ainda: eu mesmo o convido. Combinado, não é verdade? Hoje não ha sessão. No primeiro dia em que ella se annunciara o avisarei.

Havia quasi uma hora que durava a visita, e era tempo de terminal-a.

Sherlock sentia-se fatigado, e Harry extremamente impaciente, porque eram horas da refeição.

Mistress Bonnet, pelo contrario, apresentava-se de muito bom humor, ao vêr que, graças a ella, os dois visitantes não deixariam de recompensar generosamente o serviço prestado por Sherlock.

Houve um momento em que este, que estava junto da janella, olhou para a rua.

Sem duvida alguma, qualquer coisa viu que não lhe agradou, porque, saindo immediatamente do gabinete, pedindo para isso licença aos seus visitantes, foi ter com Harry, a quem disse:

—Meu caro, prepara-te para sair... Ha qualquer coisa de novo... Antes, porém, manda conduzir para a porta da casa a equipagem desconhecida e roubada, da qual o outro dia nos apoderámos...

Depois d'estas palavras, Sherlock tornou a entrar no gabinete, e, allegando de novo que para elle o tempo era precioso, despediu-se dos seus visitantes, e elle, pela sua parte apromptou-se para sair tambem.

Quando Patterville e sua irmã iam a metter-se na carruagem, viram parada á porta da casa a equipagem roubada; perguntaram ao cocheiro, que dormitava sobre a almofada, quem a conduziria até ali. O autome-donte não soube responder. Compreende-se a estupefacção do lord e de sua irmã ao vêrem inesperadamente ali o objecto procurado durante tantos dias sem resultado.

A carruagem não se tinha ainda posto a caminho, quando ao lado d'ella se collocaram dois homens de aspecto e attitudão pouco tranquillizadores.

Eram estes dois homens que Sherlock tinha visto da janella, decidindo-o a sair acompanhado do seu discipulo e auxilliar.

Chamaram um fiacre, ordenando ao cocheiro que



seguisse a carruagem do lord. E, entretanto, Sherlock não perdia de vista os dois homens de aspecto suspeito.

O primeiro vehiculo rodou... rodou... até chegar a Hyde-Park. N'este ponto desapareceu sem se saber como.

Imediatamente Harry, separando-se do seu companheiro, saltou em terra e correu no intuito de poder ainda vêr a direcção tomada pela carruagem de Patterville.

Quanto a Sherlock, sósinho no fiacre, sentia-se verdadeiramente desorientado...

## CAPITULO V

### Um espiritaista admiravel

Em parte alguma da terra se encontra partidarios tão cegos e tão rudes adversarios do espiritismo como na Inglaterra, particularmente entre as classes mais illustradas e aristocraticas.

D'entre os membros d'estas ultimas contava-se em primeiro logar lady Pemberbrooke.

Era ella a tia dos dois visitantes de Sherlock Holmes. Possuia nos arredores de Londres um magnifico e rico palacio, rodeado de um jardim grandioso; desfructando de todos os prazeres que lhe permittiam os seus muitos milhões, vivia com o luxo d'uma grande princeza.

Excepçãotando lord Patterville e sua irmã Etel, lady Pemberbrooke não possuia nenhum parente mais; eis porque ninguem duvidava que os dois irmãos seriam os seus herdeiros, de mais a mais sabendo-se que elles viviam nas melhores relações com sua velha tia.

Contudo, estas relações em breve haviam mudado um pouco de aspecto.

De um dia para o outro, a tia tinha-se declarado decidida partidaria do espiritismo e das suas observancias, e quiz que os seus dois unicos parentes seguissem a sua opinião.

Os dois irmãos, porém, recusaram-se a admittr essa doutrina, não precisamente pelas ridicularias a que ella sujeita os seus adeptos, mas simplesmente pela pessoa que se encarregava de fazer de medium.

A differença de opiniões, como se comprehende, occasionava frequentes discussões, que deram em resultado diminuir a mutua confiança. Porém, como a tia é que tinha a enorme fortuna, esta consideração obrigava-os a assistir ás sessões.

A criadagem andava atarefada em ornamentar a sala de honra do palacio, onde n'aquella noite devia realisar-se uma grande sessão de espiritismo.

Riquissimas tapearias cobriam as paredes; espessos e preciosos tapetes estendiam-se no chão; em volta da vasta sala, duas fileiras de cadeiras douradas; á frente destinado ao medium, um alto estrado, com uma rica mesa e luxuosas cadeiras.

Uma hora antes de começar a sessão, começaram a chegar os primeiros convidados, e entre elles os mais illustres membros da aristocracia ingleza, partidarios do espiritismo.

O salão scintillava pelas suas mil luzes e pela riqueza das joias das damas; apresentava um aspecto deslumbrante.

Á hora de começar a sessão, encontrava-se completamente cheio de convidados, que aguardavam, impacientes, a chegada do medium.

Mas decorreram alguns minutos no meio da maior expectativa; a impaciencia e o mau humor augmentavam á medida que o tempo passava.

N'isto, abriu-se uma porta e appareceu lady Pemberbrooke.

—Desculpem-me meus amigos...—disse ella com voz tremula.—Desculpem-me a demora... verdadeiramente não sei o que se passa... Ha mais de meia hora que andam em procura do nosso medium, *mister* Yorick Fieldertown, e apesar de todas as diligencias, ainda não foi encontrado. Além d'isso, meus dois sobrinhos, que tinham ido á cidade, e me tinham dado a sua palavra de que estariam aqui á hora da sessão não apparecem em parte alguma.

—Nem virão hoje...—exclamou uma voz cavernosa do lado da porta.

Todos se voltavam immediatamente.

A voz proseguiu:

—Nem virão hoje, nem amanhã... nem em prazo determinado...

Quem assim fallava não era outro mais que o medium Yorick Fieldertown.

Assomou no salão, recebendo os cumprimentos e saudações dos homens e os sorrisos das damas aos quaes respondia affavelmente.

Assim chegou junto da sua protectora, a quem disse:

—Peço-lhe, milady, que desculpe a minha demora. Encontrava-me no parque d'este palacio quando de repente o meu espirito se separou do meu corpo... o que me succede frequentas vezes...

—E viu meus sobrinhos, *mister* Yorick? perguntou com voz tremula a credula lady.



—Sim... vi esses desgraçados...

—Oh! Mas então... o que foi que succedeu? Responda depressa, mister... Não vê que morro de impaciência e inquietação?

O medium passou a mão pela fronte e respondeu gravemente e com voz soturna:

—Nada mais me é permitido dizer... O meu espirito, antes de poder dar contas do que vi, reuniu-se me ao corpo... e senti-me tão fraco, tão fatigado... que não sei ainda se serei capaz de levar a bom termo a minha sessão...

«Seja, porém, como fôr, milady, vou começar.

E encaminhou-se para a mesa do estrado seguido pelos olhares de todos os circunstantes.

Uma vez ali, proseguiu, d'esta vez com voz forte:

—Senhoras e senhores, vivamente commovido, agradeço as provas de sympathia e de interesse com que sempre me receberam ao entrar n'este luxuoso palácio... Apenas uma coisa me desespera hoje: o tel-os feito esperar durante algum tempo. O meu intuito de esta noite, se puder leval-o a cabo, é demonstrar que os espiritos obedecem á minha voz... Não quero patentear o meu thema com longo discurso, que sómente serviria para fatigar os cerebros; mas patenteal-o hei com factos visíveis e palpaveis, que não deixarão de convencer ainda os mais incredulos.

«Ha pouco os criados conduziram para esta sala uma pequena mesa com velas acesas e uma jarra. Nada mais se encontrou n'ella. Quem quizer pode collocar dentro d'essa jarra os objectos que preferir. Em seguida, as portas da sala devem ser fechadas, e se, assim o exigirem, podem até ser selladas, a fim de ficar provado que nenhum estranho aqui entrou...

No mesmo instante, numerosas damas e cavalheiros se levantaram, indo collocar dentro da jarra os seus anéis, braceletes, relógios de ouro e muitos outros objectos de pequeno tamanho mas de grande valor.

A porta principal do salão foi então fechada cuidadosamente, de maneira que ninguém pudesse abri-la da parte de fóra.

Depois d'isto, o medium desceu do estrado, collocou uma cadeira a uns cinco metros de distancia, sentou-se n'ella e ordenou aos criados que o amarrassem.

A cadeira fôra collocada sobre um quadrado de papel branco; a fôrma dos pés do amarrado foi desenhada sobre o papel, de maneira que, sem se descobrir logo, era impossivel ao medium mover-se d'aquellogar.

Mais ainda: sobre os joelhos de Yorick collocaram dois papelinhos brancos, de fôrma que, por mais simples movimento que elle fizesse, qualquer dos papelinhos, ou ambos mesmo, cairiam no solo.

Realmente era impossivel ao medium mover-se da

cadeira á qual estava amarrado, sem que se conhecessem logo os seus movimentos.

Antes de se apagarem as lampadas electricas, todos os presentes se sentaram nos seus devidos logares, prezas da maior anciedade.

Preparado tudo, extinguiram-se as luzes, foi ficando apenas illuminado o vasto salão pelas vélas que se encontravam sobre a mesa. Apenas ficara aberta uma janella para a ventillação.

O medium gritou:

—Apaguem aquellas luzes!

Todos olhavam as joias, que brilhavam no fundo da jarra.

—Apaguem as vélas! ordenou pela segunda vez Yorick.

Lady Pemberbrooke acerrou-se da mesa e obedeceu ao desejo do seu protegido.

O salão ficou completamente ás escuras, permanecendo assim até ao momento em que o medium exclamou, entre a anciedade e a curiosidade geraes:

—Terminou a sessão. podem accender-se as lampadas electricas e as velas.

Ao mesmo instante, vivissima claridade invadiu o salão, deslumbrando a vista de todos os circunstantes, que durante alguns minutos haviam permanecido na mais profunda obscuridade.

O medium disse, antes que alguém pudesse levantar-se:

—Tenham a bondade de se conservarem sentados uns momentos mais, senhores e senhoras. Desejo que todos se convençam de que estou amarrado, e, portanto, não me movi d'este logar...

Com effeito, todos ficaram d'isso convencidos.

Yorick proseguiu:

—E agora podem acercar-se. Quero que tenham a certeza de que realmente execute o que proponho...

Todos se levantaram. Os quadradinhos de papel encontravam-se sobre os joelhos, na posição em que os tinham posto; o desenho no papel branco dos pés concordava perfeitamente com estes; não havia a menor duvida: o medium não se movera do seu logar.

Elle continuou:

—E agora, aproximem-se da porta do salão e, examinem-na... Certificar-se-hão de que ninguém ponde abri-la da parte de fóra e por consequencia entrar na sala.

Na verdade tudo se encontrava na disposição que elle dizia; era impossivel que alguém houvesse podido entrar no salão.

Depois de se certificarem d'isto, encaminharam-se para a mesa; as vélas estavam acesas, a jarra no seu logar; porém os objectos depositados n'ella tinham desaparecido.

Todos soltaram um grito de admiração.



Procuraram por toda a sala; nem o mais simples vestígio d'essas joias.

Isto estranhava-os cada vez mais; ninguém pudera entrar na sala, e, portanto, ninguém havia podido levá-las.

O medium observou:

—E então, senhores e senhoras? onde se encontram as joias? Não as virão em parte alguma? E, contudo, não saíram d'este palácio, Desamarem-me. Vou entregá-las aos respectivos donos... Tenho-as commigo...

O impossível é as vezes um facto; sobretudo, nas circumstancias em que todos se encontravam para com o medium. Yorick tinha nos bolsos todas as joias que os outros em vão tinham procurado.

A admiração dos circumstantes não reconhecia limites; todos os rostos isto mesmo manifestavam.

Yorick fôra desamarrado; e, triumphantemente, encaminhava-se para o estrado, quando de subito parou, tentando em seguida os maiores esforços para se escapar por entre todos quantos o rodeavam.

Este caso, causou a maior admiração; ninguém comprehendia tão estranha e repentina perturbação.

Olhos dirigiram-se para o ponto para onde elle proferia olhava. No limiar do vasto salão viam-se lord Patterville, sua irmã e um individuo de aspecto grave, que os acompanhava.

Este ultimo adeantou-se para o medium, que, como dissemos, tentava os maiores esforços para fugir.

Lady Pemberbrooke, verdadeiramente perturbada, dirigiu-se a seu sobrinho exclamando:

—Pelo que ha de mais sagrado, Henry, diz-me o que foi que succedeu... Quem é aquelle homem, que tão ousada e atrevidamente se approxima do meu medium, como se fosse a accusal-o de qualquer crime?

—O meu companheiro, querida tia, é o genial policia Sherlock Holmes... respondeu o mancebo.

—Meu Deus! E o que é que esse homem vem fazer aqui?

—Desmascarar um patife, que da maneira a mais desvergonhada abusa da sua confiança, minha tia. Desmascarar um homem que de forma alguma pode entrar nos salões d'uma dama tão illustre... Desmascarar um homem, enfim, para quem uma casa de correcção é um castigo demasiado leve; o seu logar é n'um presidio.

«Sherlock Holmes, minha tia, acaba de salvar-nos, a mim e a minha irmã, d'um perigo de morte, para o qual nos attraíu o seu protegido Yorick Fieldertown! A lady tremula de commoção, e verdadeiramente aterrorisada pelo perigo de que seus sobrinhos, a quem muito estimava, tinham escapado, graças á providencial intervenção de Sherlock Holmes, interrogou ansiosamente:

—Mas conta-me, meu sobrinho, como se deu tão

infame attentado. Como esse homem, a quem tanta protecção tenho dispensado e que tão vilmente me enganou, poudo conseguir apoderar-se de ti e de tua irmã,

—Eu lhe digo, minha tia.

«Tinhamos eu e Etel ido a casa de mister Holmes a fim de lhe pedir que se interessasse pelo apparecimento da equipagem, que nos fôra roubada, e durante algum tempo estivemos conversando. Quando saíamos encontrei, com grande surpresa a equipagem á porta.

«Mettemo-nos na carruagem em direcção para aqui, julgando seguir em linha recta. A certa altura, porem, vendo que o caminho que percorriamos era longo de mais, dei-te a cabeça de fóra da portinhola, mas n'esse momento entrava a carruagem em um pateo de uma casa de apparencia suspeita, e quatro bandidos se apoderam de nós amarrando-nos e conduziram-nos atravez um corredor escuro para um subterraneo humido, e tambem completamente ás escuras.

«Tudo isto se passara tão rapidamente, que eu não pude mesmo tentar resistir.

«Etel desmaiara. Então os bandidos despojaram-na das suas joias assim como a mim, sem exceptuar o relógio e a carteira.

«A colera suffocava-me, principalmente quando vi que aquelles infames levavam a sua audacia ao ponto de despojar tambem minha irmã dos seus vestidos.

«Então, não podendo conter-me, gritei:

«—Que infamia é essa? o que querem de nós? para que nos armaram esta cilada?

—Socego, milord, respondeu um d'elles, por agora baste-lhe saber que são nossos hospedes, até que recebamos novas ordens. Mas para nos pagarmos do nosso primeiro trabalho tivemos a liberdade de lhes pedir as suas joias.

«Mais tarde lhe diremos o que se seguirá, quando vier o dono da casa... mas só lá mais tarde, porque agora está fallando com os espiritos...

—«Cala-te, Boby disse um outro, bem sabes que Yorick...

«Ao ouvir as palavras-espiritos e Yorick teve um deslumbramento:

«Exclamei na maior anciedade:

«Yorick é o medium...

—Sim, respondeu o bandido, e a estas horas deve dar uma linda sessão em casa de sua tia.

«Então tentei comprar aquelles homens fosse por que preço fosse, e proseguí:

«—Sei que estou n'um covil de ladrões e facinorosos, no entanto vou fazer-lhes uma proposta.

«Restituíam-nos a liberdade e marquem o preço. Os olhos dos bandidos luziram de cubiga, e senti-me reanimar. Mas um d'elles respondeu:

«—Mas porquê... disse outro.

«—Cala-te. Sabes as ideias do chefe a respeito da



lady. Alem d'isso não me agrada uma bala na cabeça. Elle não é para graças.

«Depois saíram deixando-nos fechados e amarrados na mais profunda escuridão.

«Pode-se d'alculiar o que soffri.

«De repente ouvi grande barulho por cima da minha cabeça, e brevemente vimos o nosso salvador que, com risco da propria vida, salvou a minha e a de minha irmã.

«Agora, minha tia, pense na qualidade de homem que era o medium das suas sessões de espiritismo, e como elle correspondia á sua cega confiança, e aos benefiços que lhe dispensou.

A lady estava horrorisada.

Voltando se depois para Sherlock Holmes disse-lhe commovidamente:

—Apresento-lhe os meus maiores agradecimentos, mister Holmes, pelo serviço que nos prestou e que nunca esquecerei, e espero que me dê occasião de lhe provar o meu reconhecimento.

—Nada tem que me agradecer, milady, pois apenas cumpri um dever de humanidade; proteger os fracos e innocentes contra os fortes e culpados.

«A pena que tenho é não ter podido apanhar o culpado, que infelizmente se me escapou como um espirito. Mas não lhe valerá de muito porque não descansarei enquanto o não prender.

E dizendo isto despediu-se da velha lady e de seus sobrinhos encaminhando se para sua casa.

## CAPITULO VI

### Em frente da morte

Deixamos Sherlock Holmes em Hyde-Park, perseguindo os dois individuos suspeitos que acompanhavam a carruagem de lord Patterville.

Depois de permanecer por algum tempo indeciso, sem saber que partido tomar, tanto mais que Harry Taxon desaparecera em seguimento da carruagem, ouviu dizer a um dos muitos cocheiros de aluguer, que na praça estacionam:

—Eu os ensinarei, patifes, a não se approximarem demasiado dos vehiculos!

Dirigia-se a dois homens, bastante parecidos com os que haviam acompanhado a carruagem do lord, ainda que, sem duvida alguma, não fossem os mesmos.

O nosso heroe accorreu-se do cocheiro, e disse-lhe:

—Deixe-me subir, meu amigo, para o seu fiacre,

Persigo aquelles patifes, que são verdadeiros criminosos...

O cocheiro fez-lhe um signal de assentimento, Sherlock subiu para o vehiculo, e este começou a rodar rapidamente, puxado por um cavallo fegoso.

Atravessando numerosas ruas, deslisando por entre a multidão, que de vez em quando quasi interrompia a passagem, o vehiculo, por fim, chegou ás margens do Tamiza; ali, voltou á direita, abandonando d'esta fôrma a cidade e tomando a direcção dos arredores, onde se encontram numerosas casas de campo.

Sherlock sentia-se já fatigado de seguir tão longo trajecto com a cabeça de fôra da portinhola, não perdendo de vista os individuos que avançavam lá muito adeante.

Por fim, pararam E Holmes immediatamente mandou tambem parar o fiacre.

Fixou se bem, e notou que os homens, seus perseguidos, se tinham detido defronte d'uma casa com pequeno jardim á frente, e á porta da qual batiam.

Depois de um momento de expectativa, desappareceram no interior.

Sherlock saltou do vehiculo antes mesmo de elles haverem entrado na casa; mas não se afastou sem primeiro recommendar ao cocheiro que o esperasse.

Em seguida encaminhou-se para a habitação mysteriosa.

A alguns passos de distancia, ouviu um assobio-Escutou melhor. O signal repetiu-se, e elle reconheceu-o logo; provinha de Harry Taxon.

E assim era.

O seu fiel companheiro encontrava-se junto da casa, mas occulto de fôrma tal que Sherlock não poudes a principio descobri-lo.

Taxon assobiou de novo, d'esta vez, porém, mais proximo do seu mestre e amigo.

Por fim, Holmes conseguiu vê-lo, e, acercando se d'elle; observou:

—E's tu, com effeito, Harry?

—Mais devagar. sr. Holmes. Não se mostre demasiado. A quadilha collocou uma sentinella no balcão.

Se o patife nos descobre, é capaz de chamar os que lá estão dentro.

—Mas como conseguiste chegar até aqui, Harry? continuou Sherlock. Julguei, á fé de quem sou, que houvesse seguido a carruagem dos dois irmãos...

—E segui-a com effeito. E parou justamente aqui.

—Aqui? Mas... não comprehendendo...

—E' facil de comprehender, sr. Holmes. Agarrei-me á trazeira do vehiculo, resolvido a vêr onde elle parava. Tinha presentido logo que o cocheiro havia atraído os dois irmãos. Apenas saíram da cidade...



de, os dois homens suspeitos que tínhamos notado subiram para a carruagem, a qual, repito, parou aqui, defronte d'esta casa.

Não havia a menor dúvida para Sherlock, depois d'estas palavras, que lord Patterville e sua irmã tinham sido levados ali com mau fim. Era possível mesmo que n'aquelle momento se encontrassem em perigo.

Ao mesmo tempo, porém, sentia-se satisfeito pela noticia recebida; e agradeceu ao céu o tello conduzido ali para libertar os dois sympathicos irmãos.

Depois d'um momento de silencio, Harry observou:

— Se tivéssemos uma escada, não nos seria difficil entrar na casa sem ser vistos... A direita ha um atalho coberto de areia, conduzindo a um monticulo que domina a galeria; d'esse monticulo, um declive desce até ao muro do jardim. N'este muro podia collocar-se uma escada, que fosse apoiar-se á galeria.

— E supponho que isso daria bom resultado? perguntou Sherlock.

— Certamente. Se, antes mesmo de o senhor chegar aqui, eu tivesse essa escada, a esta hora já eu saberia o que é feito do lord e de sua irmã.

Durante alguns momentos Holmes conservou-se pensativo.

Por fim, os olhos brilharam-lhe, como se houvesse tomado qualquer resolução. E tanto assim que, olhando para o seu discipulo, sorriu.

Ambos encaminharam-se para o fiacre, que Sherlock deixára a certa distancia.

Harry adivinhou a idéa do seu mestre. Queria aproveitar-se do vehiculo como escada.

Com effeito, uma vez o fiacre rente da habitação, Taxon saltou para o tejadilho, e em seguida, valendo-se dos hombros de Sherlock, conseguiu alcançar a balaustrada da varanda, na qual já não se via a sentinella.

Uma vez ali, Harry ajudou a subir Holmes e ambos ajudaram o cocheiro. Este ultimo ficou de vigia no balcão, e aquelles entraram na habitação; mas antes, Sherlock puxou do revolver, prestes a toda e qualquer eventualidade.

Holmes empurrou a porta da varanda. Mas quasi no mesmo instante produziu-se grande ruído no interior da casa.

Sherlock, com um violento pontapé, fez saltar a fechadura, e os dois amigos entraram.

Deparou-se-lhes então um espectáculo, que lhes gelou quasi o sangue nas veias.

Reconheceram ambos que não havia tempo a perder.

Nó solo via-se uma mulher estendida, semi-nua, amarrada. Junto d'ella, um homem, que a fitava com olhar ardente e cubitoso.

Holmes precipitou-se sobre elle como um raio.

Houve um momento de lucta terrivel. Dois homens rolaram pelo solo, esmurrando-se violentamente. Por fim, um d'elles, com uma ferida grave na cabeça, levantou-se, enquanto o outro era solidamente amarrado.

Harry exclamou:  
— Attenção, mestre! Oigo passos!

E dirigiu-se para uma porta fronteira tentando o possível para cerra-la; mas viu que ella não tinha fechadura, e sentiu ao mesmo tempo que a empurravam pela parte de fóra.

Voltou então a cabeça para Holmes, que se occupava em soccorrer a pobre miss Etel, e gritou:

— Empurram a porta, mister... Não possa resistir mais!

Pelo buraco, onde antes havia a fechadura, podia ver-se do outro lado, tres homens, cada um dos quaes empunhava um revolver.

Ouviram um d'elles dizer:  
— Elle deve estar aqui, Thimoteo...

— Se assim é, podemos dar uma boa lição a mister Holmes, antes de expedir-o para o outro mundo... Serão as recordações que elle levará d'esta vida...

— Empurremos a porta..., proseguiu o primeiro. Eu reservo-me o prazer de descarregar o revolver, sobre o mister... mas quando elle estiver bem amarrado... Antes d'isso, tomo á minha conta o companheiro...

Fazendo um esforço violento, conseguiram escancarar a porta, procurando logo, o primeiro, que era um gordanchudo, Harry Taxon, e os dois outros Sherlock Holmes.

Mas antes que o gordo houvesse conseguido o seu fim, recebeu um soberbo pontapé de Holmes, pontapé que o pôz logo fóra do combate, pois que o miseravel não pensou mais que na sua dor; porfim, perdeu os sentidos.

Então Sherlock, servindo-se d'elle como de um escudo, agarrou o pelo pescoco, a fim de se livrar das armas dos outros que o ameaçavam.

N'este momento Harry saiu detraz da porta, onde até então se occultára, e lançou-se sobre um dos assaltantes, fazendo-o rolar pelo solo, enquanto Sherlock seguia o seu exemplo.

Em menos d'um minuto, os dois miseraveis estavam fortemente amarrados; nem o mais simples movimento podiam fazer.

Então, Harry dirigiu-se para o sitio onde se encontrava o lord, e desembaracou-o das cordas, ao passo que Sherlock fazia outro tanto a miss Etel.

Ambos quizeram agradecer, mas Holmes logo os interrompeu, dizendo:

— Não ha tempo a perder. Devemos antes avisar a policia, a fim de que se apodere d'estes homens. Saíam, pois, meus amigos, porque é muito possível



que os tres patifes façam parte de uma quadrilha numerosa, que poderia surpreender-nos se acaso nos demorassemos aqui. Esta casa parece-me um verdadeiro covil de bandidos. Antes de tudo, devemos pôr em segurança a miss Etel.

Então lord Patterville declarou que, durante o tempo que estivera em poder d'aquelles homens, haviam fallado no seu chefe Yorick Fieldertown, que era o auctor da sua detenção e da de sua irmã, e que n'aquelle momento devia encontrar-se no palacio de lady Pemberbrooke.

Esta descoberta bastou para que Sherlock tomasse uma resolução.

Miss Etel e se irmão foram conduzidos para o fiacre, onde também Holmes tomou logar, depois de ordenar ao fiel cocheiro que os conduzisse rapidamente ao palacio de lady Pemberbrooke.

Antes, porém, recommendára a Harry Taxon que se dirigisse immediatamente a Scotland Yard, onde devia designar a policia a casa d'onde haviam saído e onde ficavam os tres bandidos amarrados.

Pouco depois era, com effeito, a habitação assaltada pela policia, que se apoderou dos tres homens.

Sómente faltava lançar a mão ao chefe.

Para este, porém, estava reservada uma grande surpresa no palacio de lady Pemberbrooke.

## CAPITULO VII

### No palacio real de Windsor

Windsor, o celebre palacio dos soberanos inglezes, eleva-se sobre o canal da Maneba. Na epoca de que tratamos residiam elles ali, assim como as personagens mais illustres do reino.

Durante o dia notava-se a maior agitação e movimento entre os criados do palacio; dispunham elles o mais vasto salão para uma festa a que devia assistir tudo quanto de mais illustre e aristocratico habitava em Windsor, festa presidida pelo proprio soberano.

N'ella apresentar-se-hia um celebre professor italiano chamado Saccuco, que se propuzera uma sessão de espiritismo para recrear a alta nobreza.

Saccuco era um velho distincto, de barba branca, e o de mais nomeada entre os mais afamados espiritas do mundo.

Havia uns seis mezes que frequentava o palacio, e de vez em quando divertia a familia real com as suas interessantes sessões: a que se annunciava agora não se differença da antecedentes senão pelo maior numero de concurrentes.

Enquanto o professor conversava, antes de dar começo ao espectáculo, na sala destinada á sessão com os mais distinctos personagens, convidados, n'um aposento contiguo: conversavam egualmente dois homens, mas em voz baixa.

Um d'elles, individuo edoso, era o intendente do palacio; o outro, que acabava de chegar de Londres, chamava-se Sherlock Holmes.

Havia decorrido quasi um anno desde as ultimas aventuras que narrámos, e que tiveram como resultado a prisão dos bandidos que haviam sequestrado lord Patterville e sua irmã Etel.

Mas restava-lhe ainda uma missão a cumprir; desvendar o mysterio do Banco Continental.

Dera a sua palavra á viuva de Moorindaale.

Durante este anno decorrido, o celebre detective fizera todos esforços possiveis para descobrir o paradeiro do espiritaista Yorick Fieldertown. Mas todas as suas gestões haviam sido vãs.

O criminoso havia desaparecido, como se a terra o tragasse.

Mas Sherlock Holmes, como sabemos já, não era homem que desanimasse. Pelo contrario, quanto mais as difficuldades se lhe antepunham, mais aiorrada sentia a vontade de as vencer.

Ora, para elle de nada valia o haver capturado os dois cumplices, quando o chefe andava em liberdade.

No momento em que de novo o encontrámos, Sherlock escutava attentamente o intendente do palacio

—A minha unica e ultima esperanza está no senhor. Ha muito tempo que se dão aqui roubos mysteriosos que até hoje ainda não se conseguiu descobrir nem como elles são effectuados, nem quem seja o seu auctor. Tenho posto em pratica todos os meios imaginaveis para os evitar e ao mesmo tempo surpreender o ladrão. Mas tudo inutil. Tenho desperdiciado criados, que não mereciam a minha confiança, e nem por isso adeantei mais.

—Entim, mister Holmes, estou quasi convencido de que o gatuao não faz parte do pessoal do palacio. Mas, n'este caso, quem pode elle ser?

—Nos roubos figura toda a especie de objectos preciosos e de valor: taças de ouro, copos, facas, talheres, trinchantes, armas, e até mesmo alguns moveis antigos.

—Não decorre temporada grande que não se pratique um roubo. Uma coisa, porém, tenho notado e que me faz admirar: é justamente por occasião das estrondosas festas, das grandes recepções, que esses roubos mais se dão.

—Quem poderá ser? — Quantas vezes a mim proprio faço esta pergunta! Porque, actualmente, todos os servidores do pala-



cio que se encontram sob a minha dependencia, são homens de confiança...

«Como sabe, mister Holmes, hoje é dia de festa.

«Lembrei-me então de o mandar chamar, e no senhor confio...

«Como comprehende, em consequencia do meu serviço não posso acompanhá-lo, ou auxiliá-lo; mas autorizo o a considerar este palacio como sua casa, podendo andar por elle á vontade.

Sherlock, que até ali escutára com fingida indifference, e tanto que o intendente a principio julgára que elle poucos ouvidos dava a tão importante caso, voltou a cabeça e fixando no seu interlocutor um olhar penetrante, observou:

—Poderá arranjar-se uma ratoeira, que será collocada em sitio que depois designarei?

A tão estranha e inesperada pergunta, o intendente escancarou os olhos; se até então duvidára um pouco, agora tinha a certeza de que Sherlock ou zombava d'elle, ou nenhuma importancia ligava á historia dos roubos mysteriosos do palacio.

Por consequencia, durante um momento permaneceu silencioso, não sabendo que responder.

Por fim, balbuciou:

—Uma ratoeira? Acaso julga que n'uma simples ratoeira poderão cair ratos de tal especie?

—Não se admire do meu pedido, sr. intendente... disse Holmes com a maior seriedade. Pelo contrario, em breve o senhor será o primeiro a agradecer-me o ter escolhido semelhante meio para agarrar o ladrão.

«Mas, outro assumpto: disseram-me que a sessão espiritista de hoje será importantissima. É verdade?

—Se mister Holmes quizer assistir a ella póde fazel o... Creio, porém, que o melhor será o senhor vigiar cuidadosamente o palacio.

Apparentando o maior interesse, Holmes informou-se minuciosamente sobre a pessoa do professor italiano: o seu procedimento, o seu aspecto, as suas maneiras, e, sobretudo, as qualidades de jogos que apresentava nas sessões.

Depois de ouvir a resposta do intendente, Sherlock declarou que a maior parte das suas indicações concordavam com um espiritista que tambem dava sessões no palacio de lady Pemberbrooke; em seguida descreveu tudo quanto nos salões d'esta dama se realisava sobre sessões espiritistas, terminando por affirmar que o medium que conhecera havia um anno não podia deixar de ser o agora professor italiano, isto é, justamente o bandido que elle perseguia.

—Mas se o senhor sabe isso, exclamou o intendente, se tem a certeza de que esse homem não é italiano, nem professor mas sim um criminoso, por que motivo lhe não deita a mão?

Em vez de responder, Sherlock formulou uma outra pergunta:

—E o senhor, sabendo agora quem é elle, porque não lhe deita tambem o mão?

—Oh! Eu? De modo algum...

—Pois tambem me encontro na mesma situação, meu caro. O chamado professor Sacucco não deixa de ser, apesar de tudo, um hospede de sua magestade, e eu não posso lançar lhe a mão sem certas formalidades, e haver uma causa evidente. O motivo não me falta, creia; porém, não posso proceder assim sem mais nem menos. Ora, para isto, necessitava d'um disfarce qualquer, graças ao qual pudesse assistir á sessão; e, alem do disfarce, desejaria, como já lhe disse, que o senhor me alcançasse uma ratoeira. No palacio não haverá ratoeiras?

—E que disfarce aprecia mais, mister Holmes? perguntou o intendente.

Sherlock permaneceu silencioso durante alguns momentos e depois perguntou:

—Não me disse o senhor que tinha aqui uma pes-soa de confiança, seu irmão, parece-me?

—Justamente, meu irmão, que é official nas guardas de sua magestade.

—E onde se encontra elle?

—Aqui mesmo, no palacio.

—Poderei fallar-lhe?

—Certamente. Vou mandar chamá-lo.

Alguns minutos depois, ante os dois homens apresentava-se um bello e brilhante official das guardas reaes.

Houve as devidas apresentações, após as quaes Sherlock observou:

—O senhor poderia prestar-me um serviço, tanto mais, sabendo já do que se trata...

—Prestar-lhe-hei todos os serviços que quizer, mister Holmes... respondem o official. O que deseja de mim?

—Que me empreste o seu uniforme encarnado, a fim de poder apresentar-me na sessão de espiritismo.

—Mas o que tenciona o senhor fazer?

—Prestar um assignalado serviço a seu irmão e a sua magestade o rei de Inglaterra.

Alguns momentos depois, Sherlock estava de posse do uniforme encarnado, e perguntava ao intendente:

—Poderei ir vestil-o ao seu quarto, meu amigo?

—Certamente, mister Holmes.

Sherlock e o official entraram nos aposentos do velho intendente do palacio, onde se conservaram durante uns dez minutos.

Ao cabo d'esse tempo saiu o *detective* transformado em official da guarda real, tendo nos hombros o amplo manto proprio das festas de grande gala.

Sherlock Holmes estava por tal forma transformado, que ninguem o reconheceria. Ficava-lhe admiravelmente o luxuoso uniforme de official da guarda



real, e o genial policia envergava-o com um tal garbo, que causou verdadeiro assombro tanto ao intendente como a seu irmão.

— Senhor intendente, disse elle, vou usar de toda a liberdade que me concede para não deixar escapar o criminoso, e obter as provas de que careço para que a sua captura seja mantida.

«Para isso porém, preciso empregar toda a prudencia e astucia, e pela sua parte peço-lhe que tome as medidas mais rigorosas a fim de que o patife não possa escapar.

«Tenho de usar toda a prudencia para prender um hospede de Sua Magestade, e não ignora que a empresa é, por esse facto, mais difficil. Agora, na qualidade de official dos guardas do rei vou para o salão, e no momento opportuno procederei.

— Admiro-me, senhor Holmes, dos recursos de que dispõe e do arrojo de que dá provas, e creio que sua magestade lhe dará um forte aperto de mão, além de uma prova da sua real munificencia.

— Das duas coisas a que se refere só a primeira acciptarei com orgulho. A honra de apertar a mão de sua magestade é para mim a maior das recompensas.

— Diga-me uma coisa, senhor Holmes, para que deseje utilisar-se da ratoeira que me pediu, para a captura do criminoso?

Holmes sorriu, e em seguida respondeu:

— E' para n'ella fazer cair um espirito que muito auxilia nas suas sessões de espiritismo o italiano Saccuco. Este espirito é a prova com a qual vou confundir o ladrão. E estou certo que logo que cáia na ratoeira, já não poderá figurar em sessões d'esta natureza.

Estas palavras eram acompanhadas de um sorriso tão mysterioso que o intendente novamente duvidou se Sherlock Holmes fallava seriamente ou estava zombando.

— Não posso comprehendê-lo, senhor Holmes, porque as suas palavras são verdadeiramente enigmaticas.

— Pois nada ha de mais serio e positivo, meu amigo; e já que tão incredulo é, vou ser mais claro. Ora escute:

— Esteu firmemente convencido que este supposto italiano é nada mais, nada menos que o auctor do roubo no Banco Continental, e que occasionou a morte por suicidio ao caixa do Banco, o pobre Moorindaale, que não quiz sobreviver á sua deshonra como elle julgava.

Nas pesquisas a que procedi no Banco colhi alguns dados que me habilitam a pensar que o criminoso tem como cooperador importante nos seus roubos um animalzinho muito vivo e esperto. Este poderoso auxiliar do patife é um ratinho, que deve ser

cinzento, e que eu quero hoje apanhar na ratoeira.

«Depois de conseguir isto, tudo o mais correrá o melhor possível. E aqui tem o meu amigo como eu estava fallando muito seriamente, apesar de pensar justamente o contrario não é verdadeade, senhor inspector?

— Confesso-o, senhor Holmes, e não posso deixar de admirar a sua grande sagacidade.

E' bem verdade que as coisas mais insignificantes nos podem conduzir a grandes commettimentos.

«Mas realmente não vejo bem que relação possa haver...

— Entre o ratinho e os roubos praticados pelo italiano?

«Essa explicação fica para mais tarde. Agora mãos á obra, e que a minha boa estrella não me abandone.

Separaram-se, e Sherlock Holmes no seu brilhante uniforme de official das guardas do rei, dirigiu-se para o grande salão já repleto da mais distinta nobreza do reino, que aguardava a chegada do rei.

Quando ali entrou era grande a animação, e todos se referiam nos termos mais elogiosos ao professor Saccuco como uma notabilidade na sciencia do espiritismo.

Em um dos grupos que mais animadamente conversava, descobriu lord Patterville, a quem se dirigiu pedindo-lhe algumas palavras em particular.

O lord, um pouco admirado, pois não conhecia o brilhante official, respondeu cortezmente ao cumprimento que Holmes lhe tinha feito, e respondeu:

— Da melhor vontade, senhor official, sinto muito prazer em attendê-lo; e affastaram-se para outro ponto do salão.

Então Holmes começou:

— Está admirado certamente de lhe pedir esta entrevista, mas era preciso que assim fôsse, e conta-va que aquiesceria ao meu pedido.

— Certamente, apesar de que...

— Apesar de lhe ser completamente desconhecido, não é verdade?

— Assim é, senhor.

— Pois labora n'um erro, meu caro lord. Conhecemo-nos de longa data, e em circumstancias um pouco... um pouco extranhas.

O lord olhou para elle espantado.

— Realmente não percebo nada, e desejo bem que me decifre o enigma das suas palavras.

— Para isso basta lhe consultar a sua memoria, e lembrar-se se alguma vez esteve em perigo de morte.

O lord sobresaltou-se. Occorreu-lhe a critica situação em que se encontrara, quando Sherlock Holmes o salvara, bem como á irmã, das garras dos bandidos. Mas o rosto do official não lhe revelava uma



só das feições do seu salvador e ainda a sua voz era muito diferente. Evidentemente nervoso replicou:

— Sim, lembro-me, e nunca esquecerei, que, se vivo ainda hoje, assim como minha irmã, o devo ao homem mais valente e corajoso que tenho conhecido, e pelo qual daria a ultima gotta do meu sangue.

— Extraordinaria coisa! disse Sherlock Holmes, esboçando um sorriso de satisfação.

O lord cravou um olhar penetrante no seu interlocutor e replicou quasi formalizado:

— Porque diz isso?

— Porque a gratidão é hoje uma coisa tão rara, que nem mesmo procedendo como Diogenes, será facil encontrar-a.

— Mas, enfim, senhor, explique-se e diga o que deseja!

— Vejo que não se esquecer do seu amigo Sherlock Holmes, e como isso me enche de satisfação, agradeço-lhe.

— O que, disse o lord assombrado, o senhor é...

— O mesmíssimo, meu caro amigo.

— Mas... é extraordinario! nem o garbo, nem o aspecto, nem a voz...

— É que eu sou como o camalião, meu caro lord. Mas vamos ao que interessa. Estou aqui para prender o professor Saccuco, ou seja o bandido Yorick, auctor do roubo no Banco Continental; e medium em casa de sua tia.

Venho pedir o concurso das suas declarações, se me forem precisas, e espero que me fará este favor.

— Da melhor vontade meu amigo, e deixe-me felicital-o pelo grande exito que certamente vae obter.

— Obrigado; até logo, porque o tempo urge.

E separaram-se.

## CAPITULO VIII

### A ratoeira

No vastissimo salão do palacio, occupando um elegante sitial, viam-se o monarcha inglez e os principes de sangue real, sentando-se as demais personagens convidadas no resto da sala.

A conversação era geral e animada, porque o soberano fôra o primeiro a dar o exemplo, pondo de parte a etiqueta.

De repente, como que por encanto, estabeleceu-se o mais profundo silencio, e todos os olhares curiosamente se voltaram para uma das portas do salão.

E' que o professor Saccuco acabava de entrar, vestido com a mais perfeita elegancia.

Depois de fazer uma grave inclinação, disse:

— Ante esta concorrência, a mais distincta e illustre do mundo, deveria eu, cheio do maior respeito, occultar a minha insignificancia; e isto o faria, sem duvida alguma, se não me impellisse um sentimento profundo de vos comprazer, formosas damas e nobres senhores. Mas, além d'este, outro motivo tambem me impelle, e poderoso: propagar as theorias espiritistas, e nenhuma propaganda ha mais util e mais digna do que esta.

«Ora, como os factos são mais eloquentes que as palavras, vou immediatamente provar a efficacia e virtude dos espiritos.

Depois d'este preambulo pomposo, o medium começou os mesmos propositos e sortes que, um anno antes, Yorick Fieldertown executára em casa de lady Pemberbrooke.

Pediu a mesa, a jarra e as velas, e fez com que o amarrassem a uma cadeira; n'uma palavra, a sessão parecia identica.

Ordenou que por alguns momentos se apagassem as luzes, e depois que as accendessem, produzindo tudo isto, juntamente com as ordens dadas em voz reatumbante pelo professor, a maior perturbação, julgando todos a principio que se tratava d'um attentado.

Quando as luzes de novo se acenderam, todos viram ao lado de Saccuco um official das guardas reaes que exclamava:

— Este homem é um impostor, um charlatão!

Ao mesmo tempo mostrava aos circunstantes as barbas e os cabellos postigos do espiritaista, descobrindo se d'esta forma que elle, em vez d'um velho, era homem ainda novo, Yorick Fieldertown em pessoa.

Comprehende-se perfeitamente a admiração de todos.

Mas não havia ella chegada ainda ao seu cumulo.

O official das guardas proseguir, dizendo os motivos que o tinham obrigado a apresentar-se ali, não pertencia ás guardas de sua magestade; o seu nome era simplesmente Sherlock Holmes. Havia muito tempo que perseguia um perigoso bandido, que até então sempre lhe havia escapado; agora, porém, tinha a certeza de que esse bandido é o professor italiano Saccuco eram uma e a mesma pessoa.

O rei levantou-se e disse:

— Mister Holmes, esse homem, a quem acaba de desmascarar, poderá ser um criminoso, uma creatura digna de castigo, isto, porém, não implica que seja um embusteiro, um impostor, e não esteja em communicação com os espiritos...

— Senhor, replicou Sherlock, vossa magestade diz isso porque se funda no facto de os objectos depositos na jarra irem apparecer nas algibeiras d'este tunante?

— Certamente, é esse um facto innegavel...



proseguiu o soberano. Como poderia elle explicar-se, a não ser pela intervenção dos espiritos?

—Nesse caso, senhor, os espiritos a que vossa magestade se refere são de carne e osso e andam com quatro pés.

Pronunciando estas palavras, Sherlock mostrou uma rateira, onde vertiginosamente se agitava e saltava um rato.

—Continuou Holmes.

—Permitta-me vossa magestade que lhe apresente este criminoso de côr de cinza, que tem cooperado em tantos crimes praticados por esse supposto professor italiano! Apanhei-o ha pouco, durante a extinção das luzes, quando elle surripiava da jarra os objectos que ia depôr nas algibeiras do seu dono e mestre.

Ora, entre os crimes em que elle fui cúmplice, ainda que innocentemente, conta-se o roubo dos duzentos mil francos do Banco Continental. Se não receasse molestar a attenção de vossa magestade, explicaria como este patife utilisou este animal para difamar e occasionar a morte d'um homem honesto, como era o caixa do Banco.

—Ouvi falar n'esse caso, mas sobre elle tenho apenas vagas noções..., respondeu o rei. Conte-me tudo, mister Holmes.

—Vou narrar a vossa magestade o que se passou. Este homem, que n'essa época se chamava Yorick Fiedertown, nome que é o seu, apesar de se ter mascarado com muitos outros, telefonou para o Banco Continental, perguntou pelo caixa Moorindaale, e, dando-se como pessoa de familia, disse-lhe que sua esposa se encontrava moribunda, em consequencia d'uma terrivel queda; acrescentava que ella o chamava a toda a pressa, querendo despedir-se do marido antes de morrer.

«O pobre homem, que n'esse momento empacotava notas do banco, cintoando massos com gomma, immediatamente deixou o seu trabalho, e saiu do gabinete, deixando em cima da mesa notas no valor de duzentos mil francos.

«Ora, este gabinete tinha apenas uma janella com gradeamento de arame, janella que dava para um pateo.

«Compreende-se que, depois de provocar a saída do caixa, o criminoso que se encontrava em qualquer habitação vizinha do Banco, enviou este pequeno emissario a recolher a pouco e pouco as notas que sobre a mesa se encontravam. E para que o animal não se perdesse no caminho, magnetisou-o com uma varinha, que no seu interior continha quaesquer pós sómente d'elle conhecidos.

«Nas diversas viagens feitas por este ratinho, entornou elle o frasco da gomma, que estava sobre a meza, sobre a qual deixou as patas molhadas e alguns pellos; além d'isso, assignalou elle ali a sua

presença com um pouco do pó da varinha! Ora, nenhum d'estes vestigios, segundo creio, senhor, é proprio de espiritos... mas sim d'um animalsinho bem alimentado, bem ensinado e bem magnetisado.

«Uma hora depois, quando Moorindaale chegou, não encontrou sobre a mesa os duzentos mil francos que n'ella havia deixado.

«Tudo o accusava; e o pobre homem, sabendo que era preso, fechou-se no seu quarto e enforcou-se.

«A presença d'este animalsinho, cooperador inconsciente d'este patife no roubo, confirmou quaesquer duvidas que eu pudesse ter; porque ha um anno, n'uma sessão de espiritismo que houve em casa de uma lady, igualmente encontrei vestigios das suas patas graças aos pós brancos da varinha. Quando se apagaram ha pouco as luzes, suspeitei da presença d'este animal na meza; sobre ella colloquei a rateira, com um bocado de unto no centro; o ingenuo caiu na armadilha.

«Como vossa magestade vê, não me equivoquei sobre a verdadeira identidade d'este homem.

Depois d'estas palavras, Sherlock Holmes fez ao soberano uma profunda inclinação de cabeça.

Todos o olhavam com a maior admiração.

Os que mais proximos estavam apertaram-lhe a mão, manifestando-lhe calorosamente o assignalado serviço que acabava de prestar á casa real, livrando-a dos roubos de que ella era theatro havia já alguns annos.

E ia Holmes retirar-se, quando grandes gritos se ouviram.

Sherlock intendeu-se do que succedia; e soube que Yorick, conseguindo desembaragar-se das cordas que o amarravam, fugira do aposento para onde havia sido levado, aguardando o destino que devia ser-lhe dado. E fugira, ferindo gravemente os guardas que o vigiavam.

Os gritos d'estes e os dos corteções que se tinham inteirado do caso alarmaram todo o palacio.

Dois dos guardas feridos morreram antes de haver apparecido o medico.

O intendente do palacio acorreu-se de Sherlock, que não havia ainda abandonado o uniforme, e disse:

—Sua magestade ordena-lhe que augmente a guarda do palacio, e não deixe sair quem quer que seja, a fim de evitar a fuga do criminoso...

—Creio que essa ordem será motivo de novos crimes por parte d'esse homem..., observou Holmes. Contudo, obedecerei...

E assim foi, na verdade.

Na sua fuga do aposento, e depois de haver ferido os guardas, Yorick encontrou na sua passagem um soldado, a quem deixou agonisante. Tentou então sair do palacio, aproveitando a balbúrdia por elle proprio



provocada. Vendo, porém, que a guarda fôra reforçada em todos os pontos, não se atreveu a isso, resolvendo permanecer no palácio, esperando um momento propício.

Sherlock Holmes acerrou-se do soldado agonisante, que teve ainda força de lhe dizer que o assassino se havia refugiado n'uma das torres do palácio.

Holmes, d'esta fôrma típica já uma boa orientação, dirigiu-se a uma das torres, e lá encontrou o assassino.

Dava meia noite no relógio da torre principal do palácio de Windsor.

Em toda a parte, incluindo os telhados, havia sentinellas.

Passou a ronda.

Assim que ella se afastou, um homem, que até ali se conservára occulto junto da grande torre, accorreu-se, silenciosa e surratamente a proxima sentinella e mergulhou-lhe um punhal no coração.

Em seguida, com habilidade e ligeireza assombrosa, despojou o soldado do uniforme, que elle rapidamente envergou, e precipitou do telhado o corpo, que foi parar a um pateo do palácio.

Quando a ronda passou por este pateo, reparou n'um homem morto, que os seus camaradas reconheceram logo como sendo a sentinella da torre. Faltavam-lhe, porém, o uniforme e as armas.

Realmente, a esta noite do palácio de Windsor podia bem chamar-se noite de espanto e de terror.

O caso da sentinella assassinada chamou a attenção de todos, officiaes e servidores da habitação real.

Pequenos grupos de soldados, estacionando aqui e acolá, commentavam os acontecimentos extraordinarios succedidos desde algumas horas.

De repente, ouviu-se uma voz forte e sonora exclamou:

— Miseravel! Os teus crimes encheram a medida e fizeram-na transbordar! D'esta vez não me escaparás!

Todos correram para o ponto d'onde a voz partia, e viram um homem agarrado a um soldado, tentando lançal-o por terra.

Im precipitar-se sobre o desconhecido, a fim de defenderem o seu camarada, quando o homem, isto é, Sherlock Holmes, elevando de novo a voz, edesigmando o soldado, já por terra, disse:

— Este patife, meus amigos, é o criminoso que, não sómente esta noite, mas desde ha muito tempo, não deixa de ser prejudicial em toda a parte onde se apresenta... E' elle o assassino dos dois guardas da sua magestade! E' elle o assassino do soldado vosso camarada... Eu sou Sherlock Holmes!

Pronunciando estas palavras, Sherlock, ajudado por um dos presentes, facilmente conseguiu amarrar o perigoso assassino.

Mas então, teve elle de fazer valer toda a sua autoridade, e de fallar em nome do soberano para reprimir a justa colera dos soldados, que desejavam despedaçar o miseravel.

Emfim, lá socegaram um pouco mais, e conduziram Yorick para um aposento seguro, d'onde certamente não poderia evadir-se.

Além d'isso, soldados vigiavam o constantemente.

No dia seguinte, corria de bocca em bocca a nova aventura de Sherlock Holmes. Sobre elle choveram, por assim dizer, telegrammas de felicitação, entre os quaes se contavam um do proprio soberano inglez, outro do Sootland Yard e outro da viuva Moorindaale.

FIM

Ler no proximo numero:

## ● o carrasco de Londres

Aventuras extraordinaria d'um policia secreta







Dr. PEDRO GUERDER

# O MEDICO POPULAR

CC No titulo d'este livro, acha-se sufficientemente indicado o fim a que elle visa CC A sua leitura diminuirá a inquietação nas familias, pois as doencas deixarão de lhes apparecer sob um aspecto mysterioso que resente da falta de conhecimentos de medicina CC

Um volume 8º gr. illustrado, de 226 paginas e 1 appendice

Preço 700 rs. Elegantemente cartonado. Preço 700 rs.

## Collecção Galante Illustrada

EXPLENDIDOS ROMANCES DE AMOR

COM MÁGNIFICAS PHOTOGRAVURAS

A publicação mais barata de Portugal

Volumes publicados a 300 rs.

I Memorias de uma mulher bonita, por E. Feydeau (2ª edição).—II e III Veneno dos labios, por René Emery.—IV Densa do amor, por Jean Valgorge.—V Estroincoes de mulher, por Jean de Merlin.—VI e VII As sacerdotizas de Mylitta, por Jane de la Vaudère.—VIII Supremo abraço, por Victorien du Saussay.—IX Flor de Volupia, por Saint-Médard.—X O peccado da baroneza, por Victor Joze.—XI Tormentas de amor, por Guy de Téra mond.—XII Noites de prazer, por Victorien du Saussay.—XIII Hora propicia, por René Emery.—XIV Virgens em flor, por René Emery.—XV Voluptuosidades imperiaes, por Guy de Téra mond.—XVI Furor amoroso, por Saint-Médard.—XVII O Harem de Syta, por Jane de la Vaudère.—XVIII Amante ideal, por Victorien du Saussay.—XIX Manobras confiasas, por Theodoro Cahu.—XX Biblia do amor, por René Emery.—XXI As mulheres dos outros, por G. de Téra mond.—XXII As que escorregam, por Theodoro Cahu.—XXIII Delirios da carne (Amores de uma freira), por Victor Nadal.—XXIV Educação amorosa, por René Maizeroy.—XXV Rainhas d'Alcova, por Amadeu Boyer.—XXVI Sereia, por René Maizeroy.—XXVII As ultimas bacchantes, por Jean Gravigni.—XXVIII O menino bonito, por Jean Valgorge.—XXIX — Viuas ardentes, por Victor Joze.—XXX — Amantes femininos, por Adrienne Saintagen.—XXXI — O conquistador de eriadras, por Paul Perrin e Robert Francheville.—XXXII Os Espinhos do adultério por Victorien du Saussay.—XXXIII Ninhos d'amor por René Schwaebli.—XXXIV Os que ellas fazem por F. Aubier.

Em preparação

XXXV—AS MANAS YACETTE

EMPRESA LUSITANA EDITORA

Calçada do Ferregial, 23—LISBOA

Como nos devemos tratar

Como nos devemos curar

## MEMORIAS D'UMA PARTEIRA

Assumpto empolgante

0 livro mais discutido em França, onde causou enorme sensação

Um grosso volume, edição de luxo, com bella e rica artistica 600 réis

## Prazeres secretos do amor

peito dr. Jaff

1 grosso vol. ed. de luxo, 600 rs.

## Invasão Amarella

pelo capitão DANRIT

Um irresistivel movimento da raça mongolica, uma terrivel convulsão dos povos que habitam a Asia lançará dentro de poucos annos o Oriente sobre o Occidente. Pela estrada secular das antigas invasões amarellas, Chinezes e Japonezes correrão á conquista da velha Europa, ferozes e implacaveis guerreiros de Attila e Tchengis Kani Na

A Invasão Amarella a par das situações verdadeiramente empolgantes de que o auctor d'esta grandiosa obra enriqueceu o seu maravilhoso livro, fere-se tambem nella, com inexcitavel mimo, a nota sentimental, baseada n'um amor que leva aquelles que o partilham a pra car os mais audaciosos actos de heroismo.

60 rs. contendo sempre um episodio completo rs. 60

Numero publicado

1 O Rei do Pacifico, 2 O Phantasma do Oriente. 3 Em S. Petersburgo. 4 Em c-a minho de ferro. 5 Sobre um viciio. 6 Na zona interdita. 7 Anjo e demónio. 8 O Campo dos Supplices, 9 Aventuras d'um reporter. 10 Illudus perdidas. 11 A vaga humana. 12 Amor louco. 13 O espectro do passado. 14 Suppicio d'um pae. 15 Missão terrivel. 16 A fuga para o Caspio. 17 A batalha larca. 18 Em Moscow. 19 Morte do ultimo Holzenzollern. 20 (e ultimo) De Berlin a Paris.

## ESCOLA DO VICIO

romance realista

por

VICTORIEN

du SAUSSAY

Edição de luxo, n'um volume in-8º grande, 700 rs.

## A Guerra nos Ares

por G. A. WELLS

hem no seu bello livro "A GUERRA NOS ARES", o entrecho amoroço que to na todos os episodios palpantes de s n-timento e adorados do publico as personagens chamadas a desempenho no empolgante drama os papeis mais sympathicos e os que mais falam ao coração, scenas d'amor, de heroismo levado até ao sacrificio, de nobre patriotismo, de absoluta crença e de profunda fé no edial que visam.

60 réis Cada numero contendo um episodio completo réis 60

Volumes publicados

1. A vespa gigante. 2. Os derriochs do deserto. 3. A armada aerea. 4. O Combate no Atlantico. 5. O ataque a Nova-York. 6. A batalha aerea. 7. A lucta mundial. 8. A morte do principe Karl Albert. 9. (e ultimo) Epilogo d'uma tragedia